

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA

LILLIAN JORDÂNIA BATISTA FRANCAZAK

ERA UMA VEZ...
O INCENTIVO A LEITURA E A FORMAÇÃO DE LEITORES NA
BIBLIOTECA BRAILLE JOSÉ ÁLVARES DE AZEVEDO

GOIÂNIA
2007

LILLIAN JORDÂNIA BATISTA FRANCAZAK

ERA UMA VEZ...
O INCENTIVO A LEITURA E A FORMAÇÃO DE LEITORES NA
BIBLIOTECA BRAILLE JOSÉ ÁLVARES DE AZEVEDO

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em
Biblioteconomia da Faculdade de Comunicação e
Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás,
na ênfase Educacional e Social para obtenção do
grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Patrícia Martins Pereira

GOIÂNIA
2007

F 814e Franczak, Lillian Jordânia Batista.
Era uma vez... O incentivo a leitura e a formação de leitores na Biblioteca Braille José Álvares de Azevedo / Lillian Jordânia Batista Franczak. – Goiânia: Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia, 2007.
61 f. : il. Color.
Orientadora: Patrícia Martins Pereira
Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Universidade Federal de Goiás, Curso de Biblioteconomia, 2007.

1. Leitura - incentivo. 2. Formação de leitor 3. Contação de História. 4. Biblioteca Braille. I. Pereira, Patrícia Martins. II. Universidade Federal de Goiás. III. Título.

CDU: 027.6-056.262

LILLIAN JORDÂNIA BATISTA FRANCAZAK

ERA UMA VEZ...
O INCENTIVO A LEITURA E A FORMAÇÃO DE LEITORES NA
BIBLIOTECA BRAILLE JOSÉ ÁLVARES DE AZEVEDO

Monografia defendida no Curso de Graduação em Biblioteconomia da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do grau de Bacharel, aprovado em _____ de _____ de _____, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof^a. Patrícia Martins Pereira - UFG
Presidente da Banca - Orientadora

Maria Eunice Soares Barbosa –
Bibliotecária Coordenadora da Biblioteca Braille José Álvares de Azevedo

Ao meu querido esposo Cleyton Franczak por tudo: pela paciência, força, carinho, compreensão e por me fazer acreditar que os sonhos são capazes de se realizar.

Aos meus pais por sempre acreditarem nas minhas potencialidades e por me incentivarem no caminho dos estudos.

À minha irmã pela força.

A minha querida avó Justina Maria da Silva, in memoriam, a quem amo muito e esteve presente em momentos importantes da minha vida me incentivando e apoiando.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por estar sempre presente em minha vida me mostrando que não me abandona nunca e está presente nas horas em que tudo parece perdido.

À minha querida professora e orientadora desta monografia, Patrícia Martins Pereira, pela confiança, dedicação e amizade.

A todos (as) os amigos (as) que conquistei na Biblioteca Braille José Álvares de Azevedo.

RESUMO

Nesta pesquisa, o grupo de deficientes visuais que são capacitados por meio de um Curso de Contadores de História realizado na Biblioteca Braille José Álvares de Azevedo é o foco de estudo. Nela, são considerados um modelo de leitores continuados e agentes de leitura, pois uma das formas de se formar um leitor é ser também um deles. Conceituar leitura é falar na leitura de mundo por meio de práticas sociais. Perceber que a leitura da palavra escrita é um ato resultante da interação texto /leitor nessa busca de significados, é permitir ao leitor uma troca para re-significar o mesmo e deixar suas marcas. Contudo, não se trata de aprofundar exaustivamente nos conceitos teóricos, mas buscar, através dessa prática, respostas. Indagar sobre quais as contribuições da formação do grupo de deficientes visuais contadores de histórias na Biblioteca Braille José Álvares de Azevedo e a formação de deficientes visuais como leitores continuados e agentes de leitura? Para essa investigação contou-se como procedimento metodológico com a abordagem quantitativa descritiva com ênfase observacional. Seguida de utilização da técnica especial de coleta de informações denominada entrevista. Acredita-se que o ato de contar histórias favorece o incentivo à leitura, à formação de leitores continuados e agentes de leitura. O desenvolvimento dessa atividade relacionada à leitura em espaço de convivência dentro da biblioteca pode despertar o gosto pela leitura. Nesse Curso de capacitação de deficientes visuais contadores de histórias vê-se essa possibilidade de aproximação entre o deficiente visual e a biblioteca como promotores de práticas leitoras na busca do exercício de cidadania.

Palavras-chave: Leitura. Formação de leitores. Agentes de leitura. Biblioteca Braille José Álvares de Azevedo.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 –	Figura 1 – Alfabeto Braille	22
Ilustração 2 –	Gráfico 1 – Regularidade de leitura	44
Ilustração 3 –	Gráfico 2 – Frequência de leitura	45
Ilustração 4 –	Gráfico 3 – Materiais de leitura	45
Ilustração 5 –	Gráfico 4 – Leituras anteriores	46
Ilustração 6 –	Gráfico 5 – Materiais utilizados nas leituras anteriores	47
Ilustração 7 –	Gráfico 6 – Leitores do Sistema Braille	47
Ilustração 8 –	Gráfico 7 – Auxílio de leitores	48
Ilustração 9 –	Gráfico 8 – Participantes do grupo de contadores de história deficientes visuais	50
Ilustração 10 –	Gráfico 9 – Contadores de histórias – Bibliotecas vivas	52

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AGEPEL	Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira
CBL	Câmara Brasileira do Livro
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IKa	Instituto Kavalhadas
INL	Instituto Nacional do Livro
SESC	Serviço Social do Comércio
SNEL	Sindicato Nacional dos Editores de Livros
UFG	Universidade Federal de Goiás
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

SUMÁRIO

RESUMO	07
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	08
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	09
1 INTRODUÇÃO	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
2.1 CONCEITOS DE LEITURA	16
2.1.1 História de uma prática	17
2.2 O DEFICIENTE VISUAL E A LEITURA	20
2.3 BREVE HISTÓRICO DA BIBLIOTECA PÚBLICA NO BRASIL	23
2.4 A BIBLIOTECA PÚBLICA E SUAS POLÍTICAS	25
2.5 BIBLIOTECAS BRAILLE	27
2.6 QUADRO DA FORMAÇÃO DE LEITORES NO BRASIL	28
2.7 AFINAL... QUEM É O LEITOR?	30
2.8 FORMANDO LEITORES	31
3 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO	34
3.1 PERCURSO INICIAL	34
3.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA BIBLIOTECA BRAILLE JOSÉ ÁLVARES DE AZEVEDO	36
3.3 PROPOSTA DO “PROJETO DE CONTADORES DE HISTÓRIA NA BIBLIOTECA BRAILLE JOSÉ ÁLVARES DE AZEVEDO – AGEPEL”	40
3.4 PERFIL DOS ENTREVISTADOS	41
3.5 COLETA DE DADOS	42
4 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	43
4.1 ANÁLISE INTRODUTÓRIA	43
4.2 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS	44
4.3 ANÁLISE FINAL DOS DADOS	53
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS	57
REFERÊNCIA DESTA MONOGRAFIA	62
APÊNDICE	63
APÊNDICE A - Modelo da entrevista	
ANEXOS	66
ANEXO A – Projeto Formação de Contadores de História na Biblioteca Braille José Álvares de Azevedo – AGEPEL	
ANEXO B – Organograma	
ANEXO C – Entrevista 1	
ANEXO D – Entrevista 2	
ANEXO E – Entrevista 3	
ANEXO F – Entrevista 4	
ANEXO G – Entrevista 5	

1 INTRODUÇÃO

As considerações que se seguem são fruto de um trabalho de pesquisa realizado na Biblioteca Braille José Álvares de Azevedo com o intuito de investigar o grupo de deficientes visuais que participam de um Curso de Contação de Histórias com o objetivo de disseminar a leitura para os deficientes visuais e inserí-los no mundo informacional por meio da inclusão.

A sua razão de ser se dá pela intenção da pesquisadora em abordar um tema no qual tivesse inserção no campo da Biblioteconomia servindo como reflexão para posteriores práticas que abordem a mesma temática referente a investigações sobre Leitura, servindo de base não só nessa área, mas em outras correlatas.

Dentro desse contexto surge como tema que guiará essa pesquisa a seguinte questão: Quais as contribuições da capacitação do grupo de deficientes visuais contadores de histórias na Biblioteca Braille José Álvares de Azevedo para a formação de deficientes visuais como leitores continuados e agentes de leitura?

O estudo busca resultados sobre “A formação do grupo de deficientes visuais Contadores de Histórias na Biblioteca Braille José Álvares de Azevedo como forma de incentivo a leitura no Sistema Braille e a formação de deficientes visuais como leitores continuados e agentes de leitura”. Seu objetivo principal é identificar e avaliar as possíveis contribuições da formação do grupo de Contadores de Histórias na Biblioteca Braille José Álvares de Azevedo em Goiânia, para o incentivo à leitura no Sistema Braille e a formação de deficientes visuais como leitores continuados agentes de leitura além da Biblioteca.

Serão buscadas ao longo do trabalho respostas para as seguintes hipóteses levantadas: a contação de histórias pode promover a leitura no Sistema Braille e conseqüentemente influenciar a formação de leitores continuados? O desenvolvimento de atividades relacionadas à leitura em espaço de convivência dentro da biblioteca pode despertar o gosto pela leitura? A capacitação de deficientes visuais como Contadores de Histórias favorecem o desenvolvimento de atividades de incentivo a leitura e a formação de leitores e agentes de leitura na Biblioteca Braille José Álvares de Azevedo?

Ao se falar de leitura enquanto processo de inclusão é tratá-la como produção de sentidos iniciando assim, pela leitura de mundo que é feita antes mesmo da palavra escrita, por meio da oralidade e da vivência com o outro. E é essa vivência com as diferenças do mundo que nos faz falar de inclusão.

Incluir significa realizar mudanças que partem da própria sociedade ao oferecer oportunidades iguais a todos os que dela fazem parte. Nessas oportunidades devem ser consideradas a autonomia como processo de reconhecimento dos indivíduos como seres humanos dignos de exercerem sua cidadania em uma sociedade democrática aberta a todos, estimulando sua participação, independentemente das diferenças humanas apresentadas.

Diferenças humanas essas expressas pela deficiência, que segundo Corrêa (2005, p. 8) “é todo e qualquer comprometimento que afeta a integridade da pessoa e traz prejuízos na sua locomoção, na coordenação de movimentos, na fala, na compreensão de informações, na orientação espacial ou na percepção e contato com as outras pessoas”. O que se percebe é que a pessoa deficiente necessita suprir a impossibilidade de execução de algumas tarefas comuns a outras pessoas, que não se encontram nessa mesma situação, com a utilização de recursos específicos para serem capazes de conviver no ambiente social e quebrar barreiras.

Estatisticamente um tipo de deficiência muito comum, a deficiência visual, pode se dividir em duas categorias: cego e baixa visão, que de acordo com dados disponíveis na Rede Saci¹, segundo a *American Foundation for the Blind* (1961), a definição de deficiência visual é quantitativa. É considerada cegueira à acuidade visual de 6/60 ou menos no melhor olho com correção apropriada, e uma restrição do campo visual menor que 20 graus, caracterizando a “visão de túnel” (6/60 significa que a pessoa precisa de uma distância de seis metros para ler o que normalmente se leria a sessenta metros).

Informações da Sociedade Brasileira de Visão Subnormal², conceituam com uma pessoa com baixa visão, aquela que possui seu funcionamento visual comprometido, mesmo após tratamento e/ou correção de erros refracionais comuns. Ela tem acuidade visual inferior a 10 graus de seu ponto de fixação (20/200 a 20/70 pés no melhor olho após correção máxima), mas, apesar disso, utiliza ou é possivelmente capaz de utilizar a visão para o planejamento e a execução de uma tarefa.

Como causa³ mais frequentes da deficiência visual apontam: *Retinopatia da prematuridade* – causada pela imaturidade da retina, em decorrência de parto prematuro ou de excesso de oxigênio na incubadora; *Catarata congênita* – em consequência de Rubéola ou de outras infecções durante a gestação; *Glaucoma* – pode ser hereditário ou causado por infecções; *Diabetes*, entre outras.

¹ Disponível em: <<http://www.saci.org.br/?modulo=akemi¶metro=1682>>. Acesso em: 14 out. 2007.

² Idem.

³ Os especialistas da Sociedade Brasileira de Visão Subnormal estimam que os casos de deficiência visual poderiam ser reduzidos em até 30%, se fossem adotadas medidas preventivas eficientes nas áreas de educação e saúde e se houvesse mais informação disponível para a população.

No Brasil, segundo dados há cerca de 3 milhões de brasileiros portadores de deficiência visual, dos quais 188 mil são cegos. Entre esse, há 7.603 alunos matriculados na educação básica, em escolas públicas e privadas⁴.

“Todas essas pessoas, a despeito da incapacidade de visão, são leitores em potencial, com direitos institucionalmente garantidos à educação, à cultura e ao acesso ao lazer. No entanto, os cegos leitores, a despeito do que determina a lei, não têm a sua disposição a mínima parte da multiplicidade de livros de que dispõem os videntes” (NEVES, 2006, p.4).

Isso nos revela que essa parcela da população brasileira se encontra em desvantagem no tocante ao acesso a leitura, pois tendo como instrumento básico, o livro, encontram várias dificuldades: os mesmos ocupam muito espaço – como o número de publicações cresce a cada dia, ofertar esse material em grande diversidade impresso em Braille, seria praticamente impossível porque um único livro se desdobra em vários volumes, são caros para serem produzidos (carecem de materiais como papéis e impressoras especiais), demoram para serem impressos, etc. E mesmo a leitura proporcionada por recursos tecnológicos, não são todos que tem acesso e dominam essa tecnologia, além do alto custo.

Diante desse fato, como garantia expressa pelos direitos do cidadão o deficiente visual passa a ter resguardado por condições legais esses direitos. Como exemplos têm: a Constituição Federal (art. 5º, art. 6º, art. 205, art. 215); Lei nº 10.098 de 2000 (art. 17); a Lei nº 10.753 de 2003 (Lei do Livro); a Lei nº 9.394 de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – art. 1º, art. 2º, art. 58); os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs; o Manifesto da Unesco sobre Bibliotecas Públicas; Os *Procedimentos-Padrões das Nações Unidas para a Equalização de Oportunidades para Pessoas Portadoras de Deficiências*, A/RES/48/96, Resolução das Nações Unidas adotada em Assembléia Geral; A *Declaração de Salamanca sobre Princípios, Política e Prática em Educação Especial Salamanca* - de 7 a 10 de junho de 1994; A *Declaração de Direitos das Pessoas Deficientes* por meio da Resolução aprovada e adotada pela Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas em 9 de dezembro de 1975 pelo Comitê Social Humanitário e Cultural (incisos §1, 2, 3 e 5), entre outros.

Nessa perspectiva, as bibliotecas especiais surgem para responder a essas necessidades oferecendo condições reais para inserção dessas pessoas no mundo informacional. Essas bibliotecas são especiais porque atendem públicos com necessidades especiais, nesse caso os deficientes visuais. A eles são oferecidos serviços e materiais específicos adequados e adaptados as suas necessidades contemplando-os ao acesso informacional e tecnológico. Mas

⁴ Dados do Ministério da Educação, relativos a 2005.

não é descartada a possibilidade de acolhimento de pessoas que não se encontrem nessa situação. Com caráter público ela se faz para todos sendo capaz de incluir.

Junto a isso, existe a questão da qualificação e capacitação desses profissionais envolvidos no processo de acesso a essas bibliotecas. Como elas são públicas, têm uma responsabilidade muito grande em atender os deficientes visuais e promoverem a leitura para contribuir com a formação desses leitores.

Leitores (as) esses (as), formadores (as) de opiniões, críticos (as), reflexivos (as), dotados (as) de autonomia para formarem outros (as) leitores (as) que vêm nessa possibilidade de uma abertura para novos horizontes, para exercerem cidadania.

Para tal desafio a equipe da biblioteca precisa se preparar para utilizar tudo que vem aprendendo por meio da capacitação a favor do fortalecimento de uma cultura leitora nesse ambiente tão propício de inclusão.

O grupo de Contadores de Histórias pesquisado é formado por deficientes visuais, diga-se privilegiados, que possuem acesso à leitura e seus membros são conhecedores do Sistema Braille. Deste modo que um grupo de voluntários ligados ao Instituto IKA⁵ (CNPJ: nº 08.984.249/0001-90), buscaram a Biblioteca Braille José Álvares de Azevedo e proporam a execução de um projeto intitulado: “*Projeto de contadores de história na Biblioteca Braille José Álvares de Azevedo – AGEPEL*” (Ver em anexo – Anexo A) com o intuito de capacitar os recursos humanos da biblioteca e aprimorarem suas metodologias aplicadas aos deficientes visuais para posteriormente disponibilizarem um curso on-line sobre contação de histórias. Esse curso possui duração prevista de três meses (14 de setembro a 14 de dezembro) podendo ter continuidade de acordo com as necessidades do grupo e dos proponentes.

Para essa pesquisa contou-se como procedimento metodológico com a abordagem quantitativa descritiva com ênfase observacional levando em consideração aspectos qualitativos, seguida de utilização da técnica especial de coleta de informações denominada entrevista.

Desse modo, a apresentação do trabalho está ordenada da seguinte forma:

Capítulo 1 – introdução contendo o tema em estudo, exposição do problema, natureza do tema, justificativa, questão norteadora da pesquisa, objetivos do estudo e uma breve apresentação metodológica. Aqui também se encontra sua abrangência.

Capítulo 2 – fundamentação teórica.

⁵ É uma associação sem fins lucrativos, nascida em Pirenópolis em 07 de outubro de 2006, com o objetivo de democratização da cultura (assim como Karlos Magno, apelidado Karolos, democratizou as Kavalhadas em prol do resgate da memória, da acessibilidade e da inclusão). Esse grupo tem como membros: a Presidenta e Supervisora Pedagógica Msa. Viviane Teles Ribeiro; a Supervisora Cultural do Projeto Msa. Flaviana Paula de Melo; a Estagiária Cultural e Contadora de História Zilda Dourado Pinheiro; a Estagiária de psicologia Aline Esashika Leoni, e o Técnico em ensino a distância Wagner Nunes Landim Júnior.

Capítulo 3 – descrição do procedimento metodológico composto por um percurso inicial, seguido da contextualização da Biblioteca Braille José Álvares de Azevedo, da proposta do “Projeto de Contadores de História na Biblioteca Braille José Álvares de Azevedo – AGEPEL”, do perfil dos entrevistados e por último a coleta de dados.

Capítulo 4 – apresentação, análise e discussão dos dados relacionando-os ao referencial teórico adotado.

Capítulo 5 – considerações finais acerca da questão de pesquisa que norteou todo o trabalho, bem como as possíveis respostas das hipóteses levantadas por meio de conclusões.

A presente pesquisa é uma oportunidade de oferecer um retorno significativo à sociedade e de comprovar a capacidade adquirida ao longo do tempo de estudos na Universidade. Realizar um elo entre o que foi apreendido em sala de aula e o que pode ser feito fora dela. Com certeza é um desafio inovador que exige muita dedicação em busca do rompimento de barreiras que tornam capazes os (as) profissionais da área de Biblioteconomia de se incluírem com êxito no campo de atuação por eles (as) escolhido. Portanto, ela não está encerrada. Muito ainda pode ser contado, recontado, construído e tecido a respeito desse tema.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para fundamentar toda essa pesquisa, iniciou-se pelo conceito de leitura seguido por vários outros.

2.1 CONCEITOS DE LEITURA

Conceituar Leitura é passear pela história das práticas sociais desenvolvidas ao longo dos tempos. Ao realizar esse passeio percebe-se que houve vários avanços, mas também alguns retrocessos e nessa perspectiva inicia-se pela sua etimologia.

Do latim, *legere*, significa contar, enumerar as letras; colher; roubar; Se seguir as pistas compreenderá-se que ao ser introduzido no mundo da leitura escrita pela alfabetização, o ato primeiro desse tipo de leitura, passando ao verbo colher buscando um sentido determinado e estabelecido anteriormente numa interação entre texto/leitor e por último quando se acrescenta outros sentidos.

“Ler, portanto, significa colher conhecimentos e o conhecimento é sempre um ato criador, pois me obriga a redimensionar o que está estabelecido, introduzindo meu mundo em novas séries de relações e em um novo modo de perceber o que me cerca”. (VARGAS, 1993, p. 6).

É por meio da cultura que a leitura se faz presente em nossas vidas. Ao criar conhecimentos, redimensioná-los, enriquecê-los e ao transmití-los a outros ao longo dos tempos, é que essas relações entre sentidos se enriquecem e formam as práticas leitoras.

A questão da leitura carrega inúmeras significações associadas:

- a) a teoria do conhecimento – relações entre sujeito/ objeto do conhecimento ou leitor/texto; “... perceber que a leitura é fonte de conhecimento e domínio do real, ajudo-o a perceber o prazer que existe na decodificação aprofundada do texto”. (VARGAS, 1993, p. 8).
- b) a psicologia/psicanálise - envolvendo consciência e inconsciência determinando e interferindo no ato; “Penso na leitura do mundo que é um ato de compreensão do que se vê ou se sente.” (VARGAS, 1993, p. 5).
- c) uma sociologia – autor e leitor pertencentes a grupos com suas marcas sociais; “Mucho más inconcebible, esta aversión por la lectura, si pertecemos a una generación, a una época, a un medio, a una familia en los que la tendencia era más bien la de impedirnos leer” (PENNAC, 1995, p. 13). “En cuanto a la generación de

nuestros abuelos, prohíbia pura e simplemente la lectura a las chicas” (PENNAC, 1995, p. 26).

d) a pedagogia – processo de troca com outros leitores;

e) a teoria da comunicação – produção de sentidos envolvendo o processo de comunicação;

f) a análise do discurso – organização interna do texto, modo como se relaciona com outros textos e como são interpretados na dimensão político-econômicas; “E ler significará para sempre o ato de compreender, estabelecer relações inicialmente individuais com cada objeto ou ser que nomeia, ampliando-se mais tarde.” (VARGAS, 1993, p. 5).

g) a teoria literária – fusão entre prazer e estranhamento onde o leitor realiza confrontos entre real e imaginário. “En la lectura hay que imaginar todo eso... La lectura es un acto de creación permanente” (PENNAC, 1995, p. 24).

Após vários conceitos pode se dizer que ler se constitui um ato de conhecimento advindo da soma de idéias dadas pela possibilidade gerada pelo prazer e pelo próprio conhecimento obtido pela trama da linguagem disponível no texto. “O processo de leitura como o estabelecimento de uma relação dinâmica que vincula a linguagem à realidade”. (VARGAS, 1993, p. 5). Ou seja, que a leitura enquanto ato possui uma dinâmica que a mantém proporcionando um encontro entre a linguagem e o mundo vivido pelo leitor por meio de sua vivência real. E assim, nesse contexto surge uma história de uma prática.

2.1.1 História de uma prática

Essa história se inicia com a idéia de que a leitura sempre esteve associada aos modos de vida das pessoas e a maneira como elas se organizam seus registros escritos. “Certamente aprendemos a ler a partir do nosso contexto pessoal” (MARTINS, 1983, p. 15). Em silêncio, solitárias, recolhidas, concentradas ou em grupos, em voz alta, compartilhando. Ler significava decifrar, traduzir códigos gráficos da escrita para tornar o leitor uma pessoa autônoma.

Segundo pesquisas realizadas, adota-se como conceito para fundamentar toda essa seção o que diz Ferreira, em seu artigo *Histórias de Leitura*. Para ela, entre os séculos IV d. C. a XIV, era norma a leitura em voz alta e a leitura silenciosa, vista como prodígio para Santo Agostinho. A oralização das palavras, nesse período, era forma de socializar a compreensão

do texto. Mesmo depois esse tipo de leitura era considerada comum, pois era realizada em salões, cafés, em casa, nas sociedades literárias entre outras. Constituíam-se pelo contato com idéias proporcionando aos presentes, uma forma de ludicidade, de busca de prazer e encontro social.

A prática da leitura sempre esteve associada ao controle da leitura por parte do clero e da nobreza. A posse do livro era de um *lector* que sabia ler e a leitura era feita em grupos, pois os livros eram objetos raros e indecifráveis. Depois o Estado passou a controlar também a leitura doméstica, na escola e na sociedade por meio da censura.

Durante a ditadura militar (1964), muitas bibliotecas foram invadidas e muitos livros foram queimados empobrecendo e até mesmo extinguindo parte da história da humanidade.

A suposta democratização da leitura dita culta (letrada) só ocorreu com alfabetização da população pertencente à sociedade burguesa e o acesso aos impressos como objetos de consumo (livros, jornais e outros). Como exemplo tem-se a reprodução da Bíblia (1452-1455) por Gutenberg que facilitou essa expansão da leitura. E nessa época, a figura da oralidade se torna reinante na vida social muitas vezes unindo as pessoas numa espécie de ritual.

Seguindo na História, já no século XVIII e início do XIX, a leitura passa a ser uma habilidade de decifrar sinais gráficos da escrita. A leitura oral promove o encontro da palavra escrita mesmo para os que não provem dessa habilidade. Mais adiante, na primeira metade do século XIX, a leitura oral fazia parte da mobilização cultural e política nos centros urbanos e dos operários. Mas a partir daí, foi se tornando restrita e mais uma vez as elites estabeleceram sua visão contribuindo para que o contato com livro fosse se esvaecendo ficando limitado a poucos.

Foi com o passar dos séculos que esses rituais coletivos sofreram alterações e modificações passando a ser individualizados, solitários e confinados em residências particulares e instituições especializadas. “Ao ler, um indivíduo ativa seu lugar social, suas vivências, sua biblioteca interna, suas relações com o outro, os valores de sua comunidade” (PAULINO, 2001, p.22). Ele passa a interagir com o meio fazendo parte dele, vivenciando suas leituras.

Recentemente, a leitura também se encontra delimitada por determinadas formas de ler e por objetos tidos como válidos pela alta cultura. Em consequência disso, ao contrário como o que diz Paulo Freire em *A importância do ato de ler*, sobre a leitura de mundo, muitos leitores se distanciam dessa realidade e são desprezados e, a leitura como produção de significados para as práticas cotidianas não são reconhecidas.

Com o aparecimento da televisão (posteriormente a 1904), há um esvaziamento dos locais públicos de leitura e o leitor cada vez mais se individualiza. A sociedade passa a impor regras de como efetivar a leitura, desde como o leitor de se portar aos locais que deve freqüentar para realizá-la. Surge assim, mais uma forma de censura e controle na produção de sentidos.

A busca do prazer se dá quando o “leitor, no entanto, insurge-se contra tal censura e passa a ler inclinado ou deitado, no quarto ou no banheiro, nos parques, nos ônibus”. (PAULINO, 2001, p.23). Ele passa a ditar as regras de como fazer.

Associado ao prazer, a busca de status permeia o leitor indicando seu índice de relevante posição social. A posse do livro passa a indicar a quantidade e a qualidade de leitura do leitor diante da sociedade ditando sua ascensão social, mesmo que verdadeiramente seja apenas simulação. Nas classes menos providas financeiramente, a leitura se associa ao mundo do trabalho com foco na obtenção de informações básicas para desenrolar de suas atividades cotidianas. Por isso considerada banal.

Assim, nesse período, a sociedade elege a leitura de livros como índice de cultura adquirida. Quanto mais se lê livros, mais culto você se torna. Mais uma vez o ato de ler passa pelo crivo do controle e da exclusão permeada pelos espaços de circulação do livro e o maior conhecimento prévio do leitor que possui uma educação precária impossibilitando que exerça tal função.

Após analisar essas informações se vê pelo histórico, que o Brasil ainda não está preparado para se tornar um país de leitores que produzem sentido sobre o que lêem. Antes de tudo, esses leitores tidos como invisíveis deveriam ser possibilitados a uma escola de qualidade para alcançar níveis mais elevados de escolarização. Pois, segundo a mais recente pesquisa disponibilizada, *Retrato da Leitura no Brasil*, (realizada pela Câmara Brasileira do Livro – CBL e pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros – SNEL, em 2001), quanto maior o grau de escolaridade, maior a penetração da leitura em geral e de livros específicos, chegando a representar 90%.

Ao associar à leitura a escolarização, a mesma vem sendo ofertada de maneira equivocada aos documentos oficiais, referenciados na introdução das quais a Constituição Federal passa a ser o que garante todos os outros, que servem como parâmetros para seu oferecimento. A leitura é algo imposto, cobrado e que gera notas e conceitos muito distantes do que realmente se pretende com ela. Há uma interrupção na formação de um leitor que vê ex-

cluído e esvaziado seu processo crítico. Quando isso acontece, começa o início do processo de didatização da leitura.

Ao leitor deve ser oferecido o contato com diferentes tipos de textos e de leituras para que o mesmo tenha ampliado seu leque de possibilidades para um confronto de idéias. Associado a oferta, deve ser realizado um preparo desses alunos diante das várias possibilidades para esclarecer sobre a melhor maneira de se encontrarem: texto e leitor. Se o encontro não ocorre de maneira adequada, o leitor pode desistir de ler, ou melhor, dizer que não gosta de ler porque determinada leitura de determinado texto não lhe agradou. Um exemplo é a poesia, ou a história em quadrinhos. Ambos os tipos de gêneros textuais oferecem um encontro com o leitor, mas para se deliciar com a poesia, a bagagem desse leitor deve proporcionar esse encontro. Como na maioria das vezes isso não acontece, ele pode detestar a poesia, mas amar a história em quadrinhos. Assim, toda maneira de leitura é válida considerando que se deve partir da leitura de mundo para a leitura da palavra. Mas, cuidar para que cada tipo de leitura exista um preparo prévio para contextualização do leitor sobre as diferentes formas de ler.

O que se vivencia são tentativas de aproximação do público a leitura como prática cotidiana e que vem ganhando força a partir dos anos 60 e início dos anos 70 com o intuito de mobilizar a sociedade a entender a leitura como um processo de comunicação voluntária e independente capaz de transformar o comportamento cultural da sociedade. Um exemplo muito importante é o que acompanha a relação entre o deficiente visual e a leitura.

2.2 O DEFICIENTE VISUAL E A LEITURA

Falar nessa relação entre deficiente visual e leitura, é remeter primeiramente ao histórico da educação dos deficientes visuais e o surgimento do Sistema Braille⁶. O início da educação dos cegos se deu no século XVIII com a fundação em Paris, da primeira escola para cegos por Valentin Haüy que defendia o princípio de que a educação do cego não deveria se diferenciar da educação dos videntes, mas que necessitava de adaptações.

Nessa história⁷ surge Louis Braille para abrir as portas do conhecimento e oportunizar o cego ampliar seus horizontes. Ele era natural de Coupvray, Paris, onde nasceu aos 04

⁶ Pesquisa realizada no site: <http://www.lerparaver.com/braille_invencao.html> . Acesso em: 14 out. de 2007.

⁷ Idem.

de janeiro de 1809. Sua inserção se deu nesse universo quando ao brincar teve sua visão afetada, ficando cego tempos depois.

Sua educação teve início na escola da aldeia e mais tarde chegou à escola de Valentin Haüy em 15 de fevereiro de 1819. Louis era um aluno muito inteligente, criativo, metódico com uma grande imaginação criadora, pensamento lógico e investigativo. A partir daí, viveu uma vida de internado na Instituição dos Jovens Cegos.

Nessa mesma época Carlos Barbier de la Serre passa a interessar-se pela escrita dos cegos e designa coordenadas dos seus símbolos sonográficos por pontos colocados em filas verticais e paralelas. Sua sonografia se concebia como uma espécie de escrita secreta podendo ser feitas com lápis ou pena. Por motivos de utilização desse sistema em sua profissão (capitão de artilharia), aperfeiçoou-o introduzindo os pontos em relevo. E então passou a ser chamada de escrita noturna, pois possibilitaria a decifração de mensagens no escuro com utilização da ponta dos dedos. O que constituiu a chamada sonografia de Barbier que foi apresentada às instituições para cegos em março e abril de 1821.

Por volta de 1825, Louis Braille¹ teve como base do seu trabalho essa sonografia. Com isso, criou uma convenção gráfica, atribuindo a cada símbolo valor ortográfico e não fonético, em perfeita equivalência com os caracteres vulgares.

Teve no ano de 1825 o aparecimento do Sistema Braille. Em 1829 Louis Braille publicou a primeira edição do seu: *Processo para Escrever as Palavras, a Música e o Canto-Chão por meio de Pontos, para Uso dos Cegos e dispostos para Eles*, a que deu forma definitiva na segunda edição publicada em 1837. Na edição de 1829 há 96 sinais e na edição de 1837 confirma o alfabeto e estabelece uma estenografia rudimentar, normaliza a representação dos números como sinal numérico e uma notação que constitui o núcleo da musicografia braille.

O que se percebe é que o Sistema Braille enfrentou muitas resistências por parte das instituições de ensino destinadas aos cegos, mas foi na América Latina onde ele ganhou aceitação e passou a ser utilizado dando início ao processo de alfabetização, educação, imprensas e bibliotecas para cegos. Seu início correndo o mundo não se deu pelo Brasil, mas me atenho a esse dado por questões de interesse.

No Brasil em 1854 houve a difusão desse Sistema com a história de um rapaz cego, José Álvares de Azevedo (homenageado que empresta seu nome a Biblioteca Braille de Goiânia), que teve seu regresso ao Brasil depois de ter estudado durante seis anos em Paris. Lá em Paris, o Dr. Xavier Sigaud, médico francês que esteve ao serviço da corte imperial brasileira, que também tinha uma filha cega, Adélia Sigaud, conheceu-o e apresentou-o ao

Imperador D. Pedro II. Com essa atitude, o Dr. Xavier Sigaud despertou o interesse para a educação dos cegos, se tornando o primeiro diretor do Imperial Instituto dos Meninos Cegos, inaugurado em 17 de Setembro de 1854 no Rio de Janeiro, hoje, atual Instituto Benjamin Constant.

Apartir da leitura realizada, vê-se que a história revela a luta dos cegos como símbolo de emancipação conquistada parte da experiência de outros cegos que se viram responsáveis pela busca de sua autonomia compartilhando com os outros que se encontram em suas mesmas situações.

O Sistema Braille⁸ é constituído por 63 sinais (Figura1), obtidos pela combinação metódica de seis pontos agrupados em duas filas verticais e justapostas de três pontos cada. Com ele é possível fazer letras, números, símbolos químicos e matemáticos. Estes sinais são identificados pela polpa do dedo que os toca em todas as suas partes ao mesmo tempo da esquerda para a direita, ao longo das linhas podendo ser com a mão direita ou a mão esquerda.

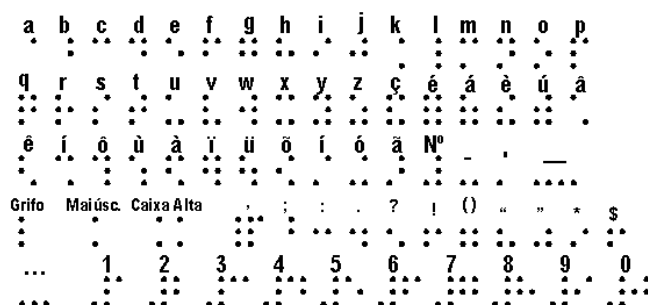


Figura 1 – Alfabeto Braille

Através do Sistema Braille a leitura tornou-se acessível aos cegos e o acesso aos livros estendeu-se ocupando um lugar importante na sua vida, pois antes só se podia ser feito pela oralidade. Agora ele passa a ser autônomo ao realizar suas leituras sem precisar da presença de um leitor.

Hoje, as tecnologias contribuem para o acesso a leitura do deficiente visual (cego ou baixa visão), pois há: redução de espaço podendo um livro vir em diferentes formatos (impresso, digital, em áudio), leitura realizada no computador com auxílio de softwares específicos (Dovoks, Jaws, Virtual Vision), facilidade de impressão de textos em braille, entre outros e, em contrapartida o mercado editorial que vê nesse público a possibilidade de sua ampliação.

⁸ Ibidem.

Ao mesmo tempo, a leitura no Sistema Braille tem enfrentado dificuldades. Com os avanços tecnológicos, muitas pessoas preferem utilizá-los a utilizar a leitura em Braille. Assim, isso vem causando problemas referentes a escrita (ortografia e pontuação) e a própria leitura, pois com a falta de prática, o gosto pela leitura em Braille se esvaece crescendo assim, o grau de comprometimento das suas possibilidades de afirmação.

Nesse contexto vem a Biblioteca pública denominada de especial ou Biblioteca Braille, como forma de promover aos deficientes visuais o acesso aos bens informacionais e culturais.

2.3 BREVE HISTÓRICO DA BIBLIOTECA PÚBLICA NO BRASIL

Antes mesmo de falar sobre esse tipo de biblioteca denominada especial, devemos contextualizá-la na história de seu surgimento. Tendo por base que são de caráter público remetemos a um breve histórico das mesmas.

As bibliotecas instaladas no Brasil até o período da Primeira República eram reflexos da cultura estrangeira aqui implantada. No período de 1890 a 1930 várias foram as tentativas advindas de esforços isolados de algumas pessoas que mesmo sem condições, apenas pela obstinação percebiam a importância da biblioteca, no geral, para a sociedade.

Pesquisando encontra-se o autor Suaiden (1995)⁹, que nos traz a história das bibliotecas públicas brasileiras, nas quais, “a primeira foi inaugurada no dia 04 de agosto de 1811 na Bahia, a Biblioteca Pública da Bahia”, iniciativa de cidadãos comuns que a manteriam. Por essa razão, “Castello Branco concebeu a biblioteca como instituição para promover a instrução do povo”, configurando seu aspecto público.

Nessa época surgiram as preocupações referentes a assinaturas de periódicos, com a aquisição de livros (por doações), com o atendimento de instruções gerais, com um ambiente agradável em lugar bem freqüentado, com espaços e recursos para escrita, recrutamento de funcionários, com a figura de um bibliotecário (que soubesse ler, escrever, contar bem e, se possível, conhecer outras línguas).

Continuando Suaiden, nos diz que foi depois de dezoito anos que aos 29 de setembro de 1829, surge a Biblioteca Pública do Estado do Maranhão tendo sua abertura ao público

⁹ Documento eletrônico. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n2/a07v29n2.pdf> >. Acesso em: 03 nov. 2007.

somente aos 03 de maio de 1831 sendo instalada na parte superior do Convento do Carmo. Após o ano de 1851, sofreu várias mudanças até a construção de sua sede localizada na Praça do Panteon. Sua inauguração data do dia 29 de janeiro de 1951.

Posteriormente, através de iniciativas dos governos estaduais, foram fundadas várias bibliotecas públicas pertencentes aos seus estados: Santa Catarina (1855), Espírito Santo (1855), Paraíba (1857), Paraná (1857), Alagoas (1865), Ceará (1867), Amazonas (1870), Rio Grande do Sul (1871), Pará (1871), Rio de Janeiro (1873), Piauí (1883), Mato Grosso (1912), São Paulo (1926), Amapá (1945), Acre (1948), Minas Gerais (1954), Rio Grande do Norte (1963), Goiás (1967), Rondônia (1969). Pode se dizer que a maioria das citadas sofreram com a falta de sede própria passando por vários locais e só tendo esse problema sanado na década de 1970, com incêndios, desvalorização, falta de políticas que a sustentasse, etc.

No ano de 1937, foi criado o Instituto Nacional do Livro (INL) do Ministério da Educação e Cultura com o intuito de fomentar a criação de bibliotecas públicas em todo país.

Em 22 de agosto de 1961 foi criado através do Decreto-Lei nº 51.223 o Serviço Nacional de Bibliotecas para fomentar o intercâmbio bibliográfico, estimular a criação de bibliotecas públicas, manter os sistemas regionais de bibliotecas e promover uma rede de informações bibliográficas. Depois, surge o Decreto-Lei nº 62.239 que incorpora o Sistema Nacional de Bibliotecas ao Instituto Nacional do Livro (INL) passando a coordenar a política nacional de bibliotecas.

Assim, após a implantação da Lei 5.692/71, a biblioteca pública ganhou mais importância perante autoridades porque foi nessa época que elas passaram a atender aos estudantes. Adquirindo o caráter escolar que o acompanha até hoje.

Ao analisar esse histórico percebe-se que muitos foram os problemas enfrentados pela biblioteca pública desde seu surgimento. Dentre eles podem ser citados: carência de bibliotecas públicas em todos os municípios, não atendimento as exigências de normas internacionais, falta de planejamento, falta de conscientização de sua importância, carência de recursos humanos e financeiros, e principalmente, uma inexistência da cultura de bibliotecas.

Em 1976 um grupo de bibliotecários de Brasília propôs ao Ministério da Cultura a implantação de um Sistema Nacional de Bibliotecas para prestar assistência técnica para melhoria na qualidade dos serviços prestados pelas bibliotecas públicas. Mais tarde, foi aprovado passando a atender treze Unidades Federadas.

O que se observa é que somente na década de 1970 o estudo de usuários surge e na década de 80 os primeiros levantamentos comprovam um baixo índice de usuários confirmando o difícil acesso informacional a população mais carente. As desigualdades aumenta-

ram dando poder aos que do processo informacional participavam, ao contrario do que a sociedade da informação prega que é o compartilhamento dos recursos em prol do bem-estar social. No ano de 1990 houve a extinção do Instituto Nacional do Livro pelo atual e então Governo Collor ficando as atividades na responsabilidade da Fundação Biblioteca Nacional.

A realidade da biblioteca pública revela que a biblioteca não é a única fonte de informação e associada a deficiências do passado vê seu esvaziamento.

Assim, cabe a biblioteca pública rever sua atuação correndo atrás dos prejuízos para ser capaz de se tornar eficiente no processo de construção de cidadania cumprindo assim suas missões.

Um caminho segundo Suaiden, é a “utilização de técnicas de segmentação de mercado, pois os interesses informacionais da comunidade são heterogêneos e os recursos disponíveis nem sempre são suficientes para atender esse tipo de demanda” (SUAIDEN, 2000, p. 60).

Na medida em que a biblioteca passa a conhecer a comunidade, se torna mais fácil responder às suas expectativas e incluí-la com participação efetiva na sociedade da informação. Com certeza, esses investimentos irão propiciar a diminuição das desigualdades e dominações levando-a a desempenhar seu verdadeiro papel na sociedade. Para que isso ocorra e para sua garantia dispõem de alguns documentos, dos quais para a biblioteca pública o *Manifesto da UNESCO*¹⁰ (1994), se torna referência.

2.4 A BIBLIOTECA PÚBLICA E SUAS POLÍTICAS

Manifesto esse respeitado a nível internacional que prestigia a biblioteca pública resguardando-a em todos os aspectos legais.

Segundo o *Manifesto da UNESCO sobre Bibliotecas Públicas* (1994), ela é um agente promotor da paz da paz e do bem-estar espiritual representando o pensamento coletivo através da educação, cultura e informação. Nela, a participação é construída em prol da democracia, sendo o acesso e serviços oferecidos igualmente sem distinção de idade, sexo, cor, raça, religião, língua ou condição social.

No manifesto, a biblioteca é definida como o “centro local de informação, tornando prontamente acessíveis aos seus utilizadores o conhecimento e a informação de todos os

¹⁰ Fonte: <http://www.iplb.pt/pls/diplb/get_resource?rid=938> . Acesso em: 15 jun. 2007.

gêneros”. O livre acesso dá condições a qualquer cidadão de ter suas necessidades informacionais, independentemente de suporte e tecnologia, a serem sanadas proporcionando sua aprendizagem e crescimento pessoal com reflexos no coletivo.

O autor Emir Suaiden¹¹ compartilha a idéia de que a biblioteca pública deve ser democrática quebrando barreiras elitistas rumo à prestação de serviços a maioria da população brasileira a ela marginalizada. Ele afirma: “O nome mesmo ‘biblioteca pública’ pressupõe uma biblioteca aberta a todas as pessoas sem nenhum tipo de discriminação” (SUAIDEN, 1995, p. 62). O que garante que o deficiente visual não seja excluído informacionalmente e possa participar democraticamente desse mundo do qual está inserido.

Os serviços disponíveis nas bibliotecas públicas devem ser gratuitos sendo de responsabilidade das autoridades locais e estatais previstas legislação e financiadas pelos governos nacionais e locais. Devem servir a necessidade da comunidade na qual está inserida e ser acessível a ela. Para isso deve contar com parcerias relevantes. A figura do bibliotecário é de fundamental importância como mediador entre os recursos da biblioteca e os usuários a que se destina atender.

Com a inexistência persistente da falta de bibliotecas escolares cabe a biblioteca pública desempenhar um duplo papel e ofertar, mesmo que deficitário, os serviços destinados aos estudantes levando-os a frequentá-la. Esse tipo de realidade empobrece as potencialidades de oferta da biblioteca pública que poderia muito bem ao invés disso, oferecer serviços de informação utilitária a sua comunidade, ou seja, oferecer a essas pessoas, informações de cunho prático conferindo-lhes a capacidade de solucionar problemas cotidianos.

As missões da biblioteca pública estão associadas: ao apoio a educação formal, individual e a autoformação; ao desenvolvimento pessoal; ao estímulo a imaginação e a criatividade; a promoção da herança cultural, das artes e inovações tecnológicas; ao acesso as diferenças culturais e artísticas; a tradição oral e à informação à comunidade; aos serviços de informações às empresas locais, associações e grupos de interesse; a capacidade de utilização da informação e da informática; a criação de programas e atividades de alfabetização; e a criação e fortalecimento do ato de leitura nas crianças.

Dentro da perspectiva seguida em prol da formação de leitores, Serra diz que “é a Biblioteca Pública a instituição do conhecimento, que está aberta aos interesses das pessoas por toda a vida, é através dela que a maioria da população tem condições materiais de se for-

¹¹ Professor titular da Universidade de Brasília e diretor do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – IBICT.

mar leitora” (SERRA, 1999, p. 41), o que ainda se encontra distante de acontecer. Segundo essa afirmação percebe-se a importância da biblioteca pública como formadora de leitores. E ao contrário como afirma Paulo Freire, do que está registrado no *Manifesto da UNESCO*, ela deveria ter como missão a criação, fortalecimento e acompanhamento da criança, desde logo, no “ato de ler”.

Por meio desse Manifesto as bibliotecas especiais ou Biblioteca Braille, como bibliotecas públicas, têm garantidas a sua autonomia, pois justamente elas surgem para responder a essas necessidades oferecendo condições reais para inserção dessas pessoas no mundo informacional. Pelo menos isso é o que deveria acontecer, embora a realidade se encontra de outra maneira.

2.5 BIBLIOTECAS BRAILLE

As Bibliotecas Braille são denominadas especiais porque atendem públicos também denominados especiais, ou seja, com necessidades especiais, nesse caso os deficientes visuais. E segundo Jaeger apud (Ohira; Machado, 2005) “as bibliotecas para cegos apresentam características peculiares quanto a objetivos, acervo, serviço e pessoal”, pois sua função é suprir as necessidades não só dos cegos, mas de qualquer deficiente visuais com o oferecimento de serviços e materiais específicos adequados e adaptados as suas necessidades contemplando-os ao acesso informacional e tecnológico.

É por causa das dificuldades encontradas por essas pessoas, tais como: acesso restrito aos livros em Braille e as tecnologias, alto custo dos mesmos que elas surgem para resguardar o acesso informacional, educacional, escolar, e de convivência. Assim, "as bibliotecas constituem-se os meios mais eficientes para reintegração do cego à vida ativa, e a realização de um trabalho útil dentro de suas possibilidades intelectuais e psíquicas”. E acrescentando

"A Biblioteca Braille, como qualquer outro tipo de biblioteca, deve ser um centro de informação e lazer que visa atender as necessidades informacionais da comunidade, neste caso específico, a comunidade deficiente visual. Devido ao seu tipo de usuário, a biblioteca deve atuar para a integração do deficiente na comunidade em que vive e oferecer oportunidade de desenvolvimento intelectual e social" (NAGAHAMA, 1986) apud (OHIRA; MACHADO, 2005).

O que se revela é que não é apenas o lugar de encontro com o material impresso ou eletrônico, mas um local de encontro com o outro que também compartilha da sua realidade e dos seus desejos. Assim se tornando um equipamento cultural de convivência demandando

outros tipos de serviços e produtos se comparados com outras bibliotecas cujo público-alvo não são os deficientes visuais, mas atuante na formação de leitores.

2.6 QUADRO DA FORMAÇÃO DE LEITORES NO BRASIL

Baseando em produções científicas do autor Ricardo Azevedo¹² são muitos os brasileiros que possuem dificuldades de utilizar a leitura de diversos tipos de textos: de livros, jornais, revistas, bulas de remédios, manuais, entre outros, em seu benefício. O que se vê é uma mentalidade dominante que influencia culturalmente as pessoas em desprezar a tradição popular e a oral. E se esquecem que a maioria das pessoas de nosso país inclui os analfabetos, semi-analfabetos e os analfabetos funcionais que se identificam por meio delas e tem sua vida por elas representada.

Existe um grande desprezo retrato de inúmeras dificuldades de construção de uma sociedade brasileira democrática, humana e inclusiva, e impede certamente a formação de leitores. Atrelado a isso, vê-se grandes dificuldades nessa área: problemas conjunturais pautados no trabalho infantil por questões de sobrevivência e conseqüentemente o afastamento da escola, a falta de residências preparadas para o âmbito da leitura, o preço do livro, a inexistência de livrarias e bibliotecas, a falta de contato leitores, etc. Outro problema evidente parte da própria escola que é uma instituição, por falta de outras, que ficou a cargo da mediação da leitura e que na maioria dos casos é o único meio de encontro desse sujeito com a leitura. Ezequiel compartilha essa idéia ao dizer que

“a leitura vai mal porque a escola está indo muito mal... e a sociedade está pior ainda: desemprego, dependência, criminalidade crescente, corrupção, miséria e fome. Nestes termos, a promoção da leitura, com infra-estrutura coerente, e a formação de leitores, com pedagogias adequadas, são apenas grãos de areia dentro de um vasto deserto que aumenta em expansão a cada ano que passa. O redemoinho da esperança de alguns continua a varrer esse deserto, porém apenas deslocando a areia, sem alterações significativas ou duradouras do ávido cenário” (SILVA, 1999, p. 51).

Para que ocorra uma mudança significativa e duradoura devem se ter políticas públicas que garantam, não somente em lei, mas na prática essa promoção consciente de todas as partes envolvidas na sociedade retirando da escola e compartilhando parte dessa responsabilidade.

¹² Disponíveis no site do autor: <<http://ricardoazevedo.com.br>>. Acesso em: 14 out. de 2007.

Segundo Ricardo Azevedo, os complexos problemas encontrados pela escola na execução dessa tarefa passam pela didatização da leitura que empobrece seu papel social.

Pela falta de vivência em família, gerada pelas mudanças sociais, a leitura de mundo é pouco reconhecida, e se transfere à responsabilidade para a escola, principalmente pública, que também transfere para a biblioteca pública esse papel de formar leitores. Nesse tipo de biblioteca, a da escola pública, a figura do livro ganha o sinônimo de informação, obrigação e lições. A ele é designado o papel de ‘ensinar’.

“Assim, a escola, aparentemente espaço de incentivo para a leitura de livros, ao impedir que os objetivos, iniciativas e estratégias de leitura sejam dos próprios leitores/alunos, pode afastá-los do processo de produção de sentidos e, conseqüentemente, do universo dos livros”. (PAULINO, 2001, p.28).

Isso acontece porque o livro didático impera o acesso nesse local sendo distribuído gratuitamente. Atrelado a isso, a inexistência da biblioteca escolar, o contato com o livro, fica a ele restrito empobrecendo o leque de possibilidades de leituras levando a crença popular de que os livros são iguais ao didático contendo informações e conhecimentos a serem apreendidos.

Existe uma ideologia cristalizada e irraigada que empobrece as relações entre as pessoas e os livros, visto que para muitas delas o livro didático se torna um único modelo de livro. Esse modelo se encontra fechado em si mesmo, pois “... esse tipo de livro pretende que todos os seus leitores cheguem à mesma e única interpretação” (AZEVEDO, 2004) e ao lado “as regras preestabelecidas, a normas rígidas e castradoras” (PAULINO, 2001, p.28-29).

São de utilidade para atender a disciplinas dos currículos oficiais com discursos impessoais e objetivos. Transmitem meramente informações unívocas e desatualizadas e descontextualizadas em muitos casos. Pode se afirmar que “Textos didáticos são essenciais para a formação de pessoas, tem seu sentido e seu lugar, mas não formam leitores” (AZEVEDO, 2001). Ao contrário do que a escola prega, afastam o leitor da leitura podendo ocasionar a morte do leitor.

Por todos esses motivos, que formar leitores no Brasil é um desafio muito grande. As chances de uma criança se tornar leitora estão associadas ao meio que ela convive. Certamente, mesmo sendo desprivilegiadas socialmente, se mantiverem o contato com um leitor suas chances serão bem maiores que as de crianças socialmente privilegiadas que não estão em contato com outros leitores.

Baseado nos relatos anteriores, pode-se compreender que todo leitor com sua individualidade vive e com vive com situações que fogem a modelos e regras. Por esse motivo, a literatura pode ser um caminho capaz de estabelecer comunhão prazerosa identificando-o livremente com o texto lido e sua interpretação.

Assim, a literatura pode romper barreiras, levar a exploração e despertar diferentes maneiras de ler e ver o mesmo texto. Através dela, temas e assuntos variados podem ser abordados ampliando a noção de leitura contida nos livros didáticos. O auto-conhecimento, a busca da identidade, os sonhos, as paixões, as dúvidas, medos, dificuldades, fantasias e realidades são identificadas ganhando a apropriação do leitor. Nela há o encontro do ambíguo e do contraditório, do diálogo, da reflexão para troca de opiniões.

Continuando com sua idéia, Azevedo nos diz que com isso, a realidade brasileira indica que uma boa maneira de incentivar a leitura é conhecer e explorar melhor, principalmente no processo educacional, a tradição oral com todo seu acervo literário (contos, quadra, ditados, trava-línguas, entre outros). Assim, a criança poderá levar algo significativo da escola para casa, compartilhar com o grupo que convive, levar outros significados, fazer sua resignificação e se sentir verdadeiramente incluída no mundo da leitura a ponto de se constituir como leitora. Se as práticas de leitura levam a formação do leitor, convém apresentar seu conceito.

2.7 AFINAL... QUEM É O LEITOR?

Se a leitura está relacionada às relações produzidas entre a linguagem e as suas significações, o leitor é o sujeito agente dessa ação. São pessoas que buscam constantemente através da linguagem a produção de sentidos e saberes.

“O leitor, diferentemente do ledor, compreende o texto na sua relação dialética com o contexto, na sua relação de interação com a forma. O leitor adquire através da observação mais detida, da compreensão mais eficaz, uma percepção mais crítica do que é lido, isto é, chega à política do texto. A compreensão social da leitura dá-se na medida dessa percepção”. (VARGAS, 1993, p. 8).

Ele é capaz de realizar suas próprias leituras ampliadas pela sua visão de mundo. Enquanto o ledor para Moreira¹³ em *Técnicas de leituras para ledores (Os leitores deficientes visuais)*, “é aquela pessoa que se dispõe a realizar leituras para aqueles que não podem ler”. Não podem ler por algum motivo que as impossibilitam: podem se encontra doentes, podem,

¹³ Cristiano Marins Moreira. Texto disponível em: < <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/5/01.htm> >. Acesso em : 14 out. 2007.

no caso dos deficientes visuais, não ter o texto adaptado as suas condições, impressos em Braille ou gravados em viva voz, e precisar ler algum material impresso em tinta, ou apresentar problemas outros de diversas naturezas.

O leitor diante da realidade presente de consumismo, modernidade, excesso tecnológico da leitura é capaz de reconhecer que o prazer de ler é processual, tendo que ter capacitação resultando na acumulação para se tornar apto nessa tarefa.

Ao ampliar sua visão de mundo o leitor promove o *ato de leitura*, como diz Paulo Freire e revela Edmir Perroti (1999, p. 28), quando traz a definição das diferenças entre ato e hábito de ler; para ele, “hábitos estão ancorados na repetição mecânica de gestos” e “atos, na opção no exercício da possibilidade humana de articular o agir e ao pensar, ao definir, ao escolher”. O ato se torna voluntário, prazeroso e é capaz realmente de promover a leitura, enquanto o hábito impregnado gera cobranças e afasta o leitor. Mas afinal como se formam leitores?

2.8 FORMANDO LEITORES

Entendendo a importância dessa prática após refletir sobre o que é leitor, observa-se que “A formação de leitores tem sido, assim, fruto de uma situação histórica, determinada por condições econômicas, emocionais e culturais” (SERRA, 1999, p.41). Por esse motivo, são vários os autores que buscam respostas para a formação de leitores no Brasil. Podem ser citados: Paulo Freire, Marisa Lajolo, Arnaldo Niskier, Bartolomeu Campos Queirós, Carlos Jacchieri, Edmir Perrotti, Ezequiel Theodoro da Silva, Fanny Abramovich, entre outros.

Todos partem da premissa que se é necessário romper com as barreiras por meio de um trabalho a longo prazo, processual e contínuo para formação de leitores. Ao contrário do que as pessoas são levadas a acreditar com a educação formal, não existem formas, fórmulas ou porções mágicas. O que existe é um longo caminho a ser trilhado.

Esse caminho deveria ter início no seio familiar com o contato da criança com o universo da leitura representado tanto pela diversidade de suportes quanto pela diversidade de locais em que pode ser oferecida, respectivamente, (livros, ilustrações, CDs, partituras, bibliotecas, livrarias, entre outros) para a construção de sua interpretação por meio de sua própria leitura de mundo na introdução de suas posteriores e definitivas leituras.

Não basta somente apresentá-la a esse universo, como afirma Bartolomeu de Campos Queirós (1999, p. 20), deve-se:

“convocar o homem para tomar da sua palavra. Ter a palavra é, antes de tudo, munir-se para fazer-se menos indecifrável. Ler é cuidar-se, rompendo com as grades do isolamento. Ler é evadir-se com o outro, sem contudo perder-se nas varias faces da palavra. Ler é encantar-se com as diferenças”

Preparando o indivíduo para o contato com o outro. Outro, esse, presente no texto, na ilustração, no ritmo, na arte, na história e que pode ser diferente do mundo por ela vivido criando, pelas diferenças, um leque de possibilidades de outras leituras a serem realizadas e incorporadas na sua bagagem, “somar-se ao mundo, é iluminar-se com a claridade do já decifrado...” (QUEIRÓS, 1999, p. 19). É agregar ao seu mundo, um pouco do outro.

Para se propor atuações efetivas na formação de leitores primeiramente devem se ter claras as concepções de leitura e de leitores para partirem do objetivo de formação de sujeitos capazes de dialogar com o texto lido indagando-o e imprimindo suas marcas.

Assim, “se as concepções sozinhas não alteram a realidade, ações desorientadas também dificilmente obterão resultados em campo tão complexo como o da educação e da cultura. Atirar a esmo pode ser fácil, mas dificilmente nos fará atingir o alvo desejado” (PERROTTI, 1999, p. 28). Soluções imediatistas nada têm a contribuir, o que leva a crer que se deve haver a criação de instituições indispensáveis, com mais e melhores escolas, bibliotecas, livrarias, editoras, espaços de leitura com práticas e sentidos resultantes de reflexões sobre suas atuações e papéis orientados para a contribuição no processo de formação de uma sociedade leitora. Essas instituições devem estabelecer vínculos entre elas para tornar viva a cultura do livro e da escrita e essenciais à vida brasileira.

Para se formar leitores nessas instituições devem ser criadas estratégias integradas visando promover o contato do leitor com textos de qualidade, em vários suportes e práticas culturais, por meio de sua frequência nesses locais como direito a ser exercido, criando assim, uma cultura voltada para a valorização social da leitura e da escrita de ampla importância social necessitando de constantes investimentos.

Outro aspecto relevante é dar visibilidade a formação de leitores como responsabilidade de todos os adultos leitores responsáveis pelo compartilhamento dos bens culturais. São todas essas instituições trabalhando conjuntamente em prol do fomento de uma cultura leitora.

Se cada um contribui com um pouco, o muito poderá ser realizado e efetivamente, leitores serão formados, mesmo que a longo prazo. Pois como afirma Serra, “o leitor em potencial é único e, por isso, só pode ser formado um a um. Não se formam leitores em série. E só um leitor forma um leitor” (SERRA, 1999, p. 43). As práticas, assim como em qualquer

contexto, no contexto dos deficientes visuais nos revelam que um leitor ao entrar em contato com outro se sente motivado e incluído nesse universo. Ele se vê contagiado e é até capaz de contagiar outras pessoas independentes se são deficientes ou não, e ao contrário do exposto acima, as condições favorecem a formação de mais de um leitor ao mesmo tempo.

3 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

3.1 PERCURSO INICIAL

Tendo como tema que direciona esta pesquisa – As contribuições da formação do grupo de Contadores de Histórias deficientes visuais na Biblioteca Braille José Álvares de Azevedo e a formação de deficientes visuais como leitores continuados como agentes de leitura – optou-se para o desenvolvimento da pesquisa por meio de uma pesquisa documental a abordagem quantitativa descritiva com ênfase observacional.

Segundo Dencker, a pesquisa quantitativa descritiva:

“são investigações de pesquisa empírica cuja finalidade é delimitar ou analisar fenômenos, avaliar programas ou isolar variáveis-chave. Descrevem situações utilizando critérios quantitativos que estabelecem proporções e correlações entre as variáveis observadas, procurando elementos que permitam a comprovação das hipóteses” (DENCKER, 2001, p. 57-58).

Para a autora, por meio da pesquisa quantitativa descritiva há como se verificar hipóteses pela medição que descrevem as relações entre as variáveis, às correlações e proporções.

Nesse trabalho, o destaque para a pesquisa quantitativa descritiva deve-se ao fato de que tal procedimento pode ser utilizado para “descrever situações em que se procura avaliar resultados de programas de intervenção ou de ação social, descrição de características de populações e relações entre variáveis” (DENCKER, 2001, p. 58).

Com essa metodologia viu-se o caminho para investigar o desenvolvimento do “*Projeto de contadores de história na Biblioteca Braille José Álvares de Azevedo – AGE-PEL*” (Anexo A), para posterior avaliação das práticas de promoção de leitura na Biblioteca Braille José Álvares de Azevedo.

Além disso, utilizou-se da observação do desenvolvimento das atividades do curso para obtenção de informações diretas e complementares a coleta de dados realizada, visto que

“observar é um ato praticado por todos os indivíduos de forma constante como método básico para conseguir informações sobre o mundo. É mediante a observação e a percepção dos fatos que ocorrem à nossa volta que formamos nossas idéias, tomamos e orientamos nossas decisões. A observação é uma atitude natural; não depende de método científico.” (DENCKER; VIÁ; 2002, p. 144).

Esse método tem como propósito viabilizar a identificação e avaliação de alguns fatores que possam contribuir para o incentivo à leitura e a formação de leitores continuados como agentes de leitura.

A observação foi participativa, sendo

“um procedimento usado quando o investigador se disfarça ou pede para ingressar em um grupo com o objetivo de investigá-lo. Na observação participante, o pesquisador assume no grupo dois papéis: o de estranho ao grupo (observador) e o de participante (membro aceito pelo grupo).” (DENCKER; VIÁ; 2002, p. 147).

Nesse sentido, houve participação nas atividades. Foram observados os seguintes momentos: o da contação de histórias, o da interação entre os participantes do grupo e o todo o decorrer de atividades desenvolvidas no curso de formação de contadores de histórias da Biblioteca Braille José Álvares de Azevedo.

O método de observação serviu “para a descrição e compreensão dos comportamentos, tal como esses ocorrem naturalmente.” (DENCKER; VIÁ; 2002, p. 157).

Nesse caso específico utilizou-se a técnica especial de coleta de informações denominada entrevista, que permitiu o acesso aos dados desejados de forma mais adequada. Foram entrevistados cinco (05) componentes do grupo de formação de contadores de histórias. A entrevista se desenvolveu

“em uma situação social, em que entrevistador e entrevistado interagem entre si, influenciando um ao outro não apenas por meio das palavras que pronunciam, mas também por outros sinais, como inflexão da voz, gestos, expressões faciais e outros traços pessoais, além das manifestações de comportamento que acompanham a comunicação verbal.” (DENCKER; VIÁ; 2002, p. 158).

A entrevista elaborada sob orientação foi composta por uma breve introdução constando de uma apresentação da entrevistadora, do tema que envolveu a investigação, de uma explicação sobre sua composição (treze questões, entre abertas e fechadas) e da média de duração da mesma de aproximadamente (10 min., sendo checados por meio de um pré-teste). Ao utilizar da entrevista todos os momentos durante sua realização foram observados garantindo uma riqueza maior de detalhes ao interpretar os dados.

Após esse momento, passa-se a caracterização dos dados levantados: a contextualização da biblioteca, a proposta do projeto que abarca o curso de formação de deficientes visuais contadores de histórias, o perfil dos entrevistados e a coleta de dados.

3.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA BIBLIOTECA BRAILLE JOSÉ ÁLVARES DE AZEVEDO

A autora dessa pesquisa como estagiária da Biblioteca Braille José Álvares de Azevedo, unidade da Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira – AGEPEL, acreditou ser necessário tecer algumas considerações a respeito desse local.

Segundo pesquisa realizada e pelas informações disponíveis no site da AGEPEL¹⁴, sua criação se deu no governo Marconi Perillo por meio de uma reforma administrativa iniciada em novembro de 1999. Foi regulamentada pelo Decreto nº 5.216 de 14 de abril de 2000, com publicação no Diário Oficial nº. 18.410 de 19 abril do mesmo ano e substituiu a Fundação Cultural Pedro Ludovico Teixeira sucedendo juntamente com a FUNPEL, a Secretaria de Estado da Cultura.

Como órgão do Governo Estadual seu papel é gerenciar a Cultura em Goiás por meio de suas unidades distribuídas em Goiânia e interior do Estado de Goiás. A AGEPEL coordena atividades voltadas para as diversas manifestações culturais, incentiva a criação artística e resgata valores culturais e históricos do Estado de Goiás.

A AGEPEL tem como presidenta, desde o dia 03 de abril de 2007, Linda Monteiro¹⁵ que, segundo informações do site da AGEPEL, segue uma dinâmica centrada e planejada para contemplar igualmente todas as áreas da cultura respeitando e valorizando a produção goiana baseada em seu potencial. Como linha de ação a AGEPEL contempla a preservação e manutenção do patrimônio histórico físico, e o resgate das manifestações artísticas, festas e tradições populares e ainda a busca das diferentes culturas que se entrelaçam e compõem a identidade cultural do povo goiano.

A AGEPEL é composta por 28 unidades distribuídas em três categorias (Ver organograma – Anexo B):

- a) Diretoria de Ação Cultural coordenada pelo maestro José Eduardo de Moraes¹⁶;

¹⁴ Informações disponíveis no site da AGEPEL: < <http://www.agepel.go.gov.br> >. Acesso em: 14 out. 2007.

¹⁵ Linda Monteiro. Foi uma das fundadoras do Centro de Valorização da Mulher, criado em Goiânia em 1981 para abrigar mulheres vítimas de violência. Atual vice-presidente do Cevam, foi uma das responsáveis pela criação da Delegacia de Defesa da Mulher, a segunda do Brasil. É membro da Associação das Mulheres de Carreira Jurídica de Goiás. Em 1998, como presidente da Fundação Cultural Pedro Ludovico Teixeira, colocou em prática projeto de revitalização da Praça Cívica, com a restauração ao estilo original das construções arquitetônicas do local. Foi responsável também pela restauração dos centros culturais Gustavo Ritter, Martim Cererê, Teatro Goiânia e do Museu Zoroastro Artiaga.

¹⁶ José Eduardo Moraes – Goianiense, compositor, arranjador e produtor musical. Estudou flauta com Celso Woltzenlogel e orquestração com Francis Hime. Como flautista, participou da Orquestra da Rede Globo de Televisão em gravações de Eliseth Cardoso e Roberto Carlos, entre outros artistas. Atuou como produtor e arranja-

- b) Diretoria de Patrimônio Histórico e Artístico coordenada por Aguinaldo Caiaido de Castro Aquino Coelho¹⁷;
- c) Diretoria Administrativa e Financeira coordenada por Luciana Albernaz.

Para isso, a AGEPEL conta com quatro Centros Culturais: Gustav Ritter, Marieta Telles Machado, Martim Cererê e Oscar Niemeyer.

Contudo, o foco desta pesquisa se limita ao Centro Cultural Marieta Telles Machado¹⁸, localizado na Praça Cívica¹⁹ nº 02 – Centro, Goiânia – GO, composto por algumas unidades de setores específicos como Bibliotecas, Gibiteca, Museu, Cinema, entre outras, pois nele se encontra a Biblioteca Braille José Álvares de Azevedo que tem como responsável à bibliotecária Maria Eunice Suares Barbosa²⁰.

A Biblioteca Braille José Álvares de Azevedo é destinada ao atendimento de um público constituído por deficientes visuais da grande Goiânia, do interior do Estado de Goiás e de outros estados das regiões Centro-Oeste e Norte. Além destes usuários, a biblioteca recebe estudantes, deficientes visuais ou não, que vão desde a primeira fase do Ensino Fundamental até o Ensino Superior. Apesar disso, seu público real, na maioria das vezes, é constituído por deficientes visuais alfabetizados e com certa fluência em Braille e domínio de acesso ao microcomputador e novas tecnologias.

dor no Departamento Musical da Rede Globo e no Departamento Musical da Rede Manchete de Televisão. Tem os discos *Coisas Tão Nossas* (1981) e *Recado* (1983) gravados com Marcelo Barra. Produziu e arranjou para os discos *Sinal de Vida* (1982) e *O Outro Lado da Lua* (1987), de Fernando Perillo. Fez produção, arranjos e direção musical de vários programas televisivos e trilhas sonoras de diversos espetáculos teatrais, como *Martim Cererê* e *Corazón*, de Marcos Fayad.

¹⁷ Aguinaldo Coelho – Artista plástico premiado com coletivas e individuais, no Rio, em Brasília e Goiânia, Aguinaldo Coelho é graduado em Direito na Faculdade Cândido de Mendes (Rio de Janeiro, onde nasceu em 20 de dezembro de 1950) e Mestre em Arte Publicitária e Produção Simbólica pela ECA (USP/UFG). Orientador de Pós-Graduação em Arteterapia (UFG), Aguinaldo é professor concursado da Faculdade de Artes Visuais (UFG). Presidiu o Colegiado dos Cursos de Artes da Faculdade de Artes Visuais e o Conselho Municipal de Cultura. Cursou a Escola de Artes Visuais do Parque Lage (Rio de Janeiro) e Fotografia e Cinema com o professor Roy Carlson. Fez teatro com José Wilker e Aderval Freire, entre outros. Produziu e apresentou o bloco de artes do programa TV *Fashion* (SBT).

¹⁸ Construído em 1933 em estilo art déco, o prédio serviu primeiro à Secretaria Geral do Estado. Depois abrigou o Fórum. Mais tarde foi sede da Secretaria da Fazenda. No local, funcionou o escritório técnico das obras da construção de Goiânia, em 1936. Hoje é o Centro Cultural Marieta Telles Machado, onde funcionam algumas unidades e setores da Agência Goiana de Cultura (Agepel).

¹⁹ Praça Pedro Ludovico Teixeira.

²⁰ Maria Eunice Suares Barbosa é responsável pela Biblioteca Braille. Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Goiás, participa de diversos cursos, palestras, congressos e seminários ligados à educação, reabilitação e profissionalização de deficientes visuais em Goiânia, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, João Pessoa, Belo Horizonte e Campo Grande. Ajudou a elaborar a sessão Braille da Biblioteca Estadual Pio Vargas e da Biblioteca Braille do Instituto Artesanal dos Cegos. Assumiu a coordenação da sessão Braille da Pio Vargas em 1992. Está à frente da biblioteca desde 1989. Dirigiu o Centro de Apoio Pedagógico ao Deficiente Visual, de 1999 a 2004. Presidiu ainda o 3º Seminário Nacional de Bibliotecas Braille, em 2004. Atualmente coordena a Biblioteca Braille José Álvares de Azevedo, unidade da AGEPEL.

As visitas ao local são para conhecimento da biblioteca e dos seus serviços, bem como para conhecimento do Sistema Braille, para solicitação de materiais em Braille ou em áudio, e há casos de pesquisadores que se interessam para coleta de dados, implantação e desenvolvimento de projetos de extensão.

A biblioteca possui aproximadamente 250 usuários inscritos e frequência média de mais de 300 atendimentos mensais. É sinônimo de avanços nas conquistas representadas pelas muitas “lutas dos deficientes visuais” no que se refere ao acesso à informação.

A biblioteca funciona de Segunda a Sexta-feira das 8 às 20h e aos sábados das 8 às 17h.

No espaço físico da biblioteca, a distribuição obedece a uma divisão em departamentos: Acervo Geral (local onde se encontram as coleções – livros, CD’s, audiolivros, entre outros), Sala da Coordenação, Reserva Técnica (espécie de depósito de livros que ainda não foram registrados, obras repetidas e outros materiais de uso da biblioteca), Sala de Leitura, Espaço Infantil, Suporte técnico e Mini-auditório.

Segundo a bibliotecária responsável pelo local, o acervo reúne cerca de 2.000 títulos, transcritos para o sistema Braille, que somam aproximadamente 5 mil volumes com conteúdos que atendem as mais diversas áreas do conhecimento: filosofia, psicologia, sociologia, economia, política, educação, entre outras; obras literárias e didáticas; mais de 50 apostilas em tipos ampliados, Auditeca com mais de 250 títulos gravados em k-7, 50 títulos em CDs e 6 DVDs com temática sobre deficiência visual. Possui ainda a assinatura de dois periódicos em Braille: a Revista Brasileira e a Revista Pontinhos destinados aos deficientes visuais. Também existem alguns periódicos em tinta que são doados aleatoriamente e que atendem as pessoas com visão normal, geralmente os acompanhantes dos usuários ou visitantes.

As obras são adquiridas por meio de doações e intercâmbios com associações e editoras destinadas aos deficientes visuais de Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro, Portugal e Espanha, na qual a mais conhecida é a Fundação Dorina Nowill (em São Paulo).

Por serem materiais que merecem certos cuidados específicos e por a biblioteca não contar com verbas próprias, existe certa alerta quanto à conservação dos mesmos junto aos usuários, um processo simples de restauração e higienização realizados pela biblioteca. Assim não são descartados, e se se apresentarem duplicados ocorre doações a outras instituições quando necessário.

A biblioteca disponibiliza entre seus serviços aos usuários:

- a) Consultas locais – podendo ser realizadas em obras em Braille, obras gravadas em fitas k-7 ou CDs;

- b) Auxílio à pesquisa – um atendente auxilia o usuário na busca da informação desejada;
- c) Empréstimo – o usuário pode realizar o empréstimo de livros em Braille, obras gravadas em fitas k-7 ou CDs;
- d) Leitura a viva voz – um leitor lê livros, textos ou apostilas escritos em tinta enquanto o usuário faz suas anotações;
- e) Monitoria em informática – o usuário é auxiliado pelo(a) monitor(a) para utilizar os recursos disponibilizados pelo computador para realizar seus trabalhos, pesquisas ou mesmo para navegar na internet;
- f) Gravação – Um atendente grava os textos escolhidos pelo usuário, que depois, os escuta em casa ou na própria biblioteca;
- g) Transcrição – de acordo com a necessidade do usuário deficiente visual, são transcritos textos, informativos e materiais solicitados (desde que em pequena quantidade) para o Braille;
- h) Reprodução de cópias em formato ampliado – alguns textos ou documentos são ampliados em formato A-3 para facilitar a leitura de usuários com baixa visão. Além, desses citados anteriormente, são disponibilizados atualmente:
- i) Clube das Histórias – com atividades de incentivo a leitura a crianças entre 03 e 12 anos (preferencialmente) deficientes visuais ou não, promovendo a inclusão.
- j) Visitas orientadas – as visitas são pré-agendadas com antecedência para conhecer todo o ambiente e funcionamento da biblioteca, bem como os serviços oferecidos;
- k) Promoção de rodas de leitura – as rodas acontecem todas as terças-feiras no período vespertino; contam com convidados deficientes visuais ou não que relatam suas histórias de leitura, lêem ou comentam um texto, declamam poesias, opinam sobre questões referentes à leitura, ou mesmo contam sobre suas histórias de vida;
- l) Curso para capacitação de deficientes visuais Contadores de História – esse curso é promovido em parceria com o Instituto Kavalhadas (IKa) visando incentivar a leitura em Braille e a acessibilidade aos recursos tecnológicos por meio do ensino a distância. Seu objetivo é desenvolver habilidades para a formação de leitores e contadores de história visando como resultado a promoção

de um curso on-line, gratuito e com acessibilidade para formação de contadores de história, além de ser objeto desta pesquisa.

A biblioteca para realizar todos esses serviços, conta com um quadro de recursos humanos das quais 06 são funcionários (as), 02 bolsistas, 02 Pró-Cerrado e 02 estagiárias da UFG, no presente momento.

3.3 PROPOSTA DO “PROJETO DE CONTADORES DE HISTÓRIA NA BIBLIOTECA BRAILLE JOSÉ ÁLVARES DE AZEVEDO – AGEPEL”.

Esse projeto de capacitação de deficientes visuais contadores de história surgiu oportunidade piloto a um grupo de voluntários ligados ao Instituto IKa (CNPJ: nº 08.984.249/0001-90) de aprimorarem suas metodologias aplicáveis ao contexto dos deficientes visuais para posteriormente disponibilizarem um curso on-line sobre contação de histórias.

Esse Instituto possui um grupo de voluntários composto: pela Presidenta e Supervisora Pedagógica Msa. Viviane Teles Ribeiro; pela Supervisora Cultural do Projeto Msa. Flaviana Paula de Melo; pela Estagiária Cultural (assim denominada) e Contadora de História Zilda Dourado Pinheiro; pela Estagiária de psicologia Aline Esashika Leoni, e pelo Técnico em ensino a distância Wagner Nunes Landim Júnior.

Segundo o projeto que dá origem a essa ação, o “*Programa Solidariedade Olhares e Leitura*” do Instituto Kavalhadas (IKa) é um programa que desenvolvido pensando em proporcionar acessibilidade por meio da educação cultural com o objetivo de disseminar informações culturais e educativas, e com isso, promover a inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais tanto na esfera cultural, quanto em escolas, universidades e em ambientes de trabalho.

Dentro das atividades do “*Programa Solidariedade Olhares e Leitura*” do Instituto Kavalhadas (IKa) voltadas a inclusão sócio-educativa e cultural dos deficientes visuais, por meio do ensino a distância que surgiu um projeto intitulado: “*Projeto de contadores de história na Biblioteca Braille José Álvares de Azevedo – AGEPEL*”. Consiste em uma pesquisa de acessibilidade contando com diversos profissionais que fazem supervisão cultural, pedagógica, psicológica e em ensino a distância por meio de acompanhamento das atividades, sendo executado por uma contadora de histórias. A proposta será uma prática de incentivo a leitura em Braille e a acessibilidade aos recursos tecnológicos por meio do ensino a distância.

O curso tem como público-alvo os deficientes visuais sendo composto por um grupo de dez pessoas que se reúnem na Biblioteca Braille José Álvares de Azevedo todas as sextas-feiras das 14h às 17h. Com uma carga horária de 60h, teve início em 14 de setembro de 2007 e encerramento previsto para 14 de dezembro de 2007 com um conteúdo programático voltado para a teoria da contação de histórias, como escolher e preparar uma história, como definir a sessão de contação de histórias e para o conhecimento de gêneros literários.

A metodologia se utiliza de técnicas que estimulam a expressividade das emoções pela fala, introduz conhecimentos folclóricos, manifestações culturais brasileiras, dando enfoque à preservação da memória e da identidade do patrimônio cultural. Terá também um estágio para prática das técnicas apreendidas.

Por todos esses motivos, além da mudança de tema da pesquisadora que por razões de prazos e datas, passou do tema referente ao Projeto Roda de Leitura do SESC Universitário (desenvolvido em escolas públicas da região leste universitária de Goiânia) para o grupo de contadores de histórias deficientes visuais da Biblioteca Braille, que o mesmo se tornou objeto desta pesquisa. Assim, toda documentação do projeto anterior teve que ser redirecionada, buscando contemplar o novo tema. Muito foi aproveitado, complementado ou inserido para atender a nova pesquisa. Depois da nova documentação o próximo passo foi traçar o perfil dos entrevistados.

3.4 PERFIL DOS ENTREVISTADOS

Os entrevistados foram escolhidos entre os participante do curso de contadores de história segundo sua disponibilidade em comparecer no local, data e horário propostos.

São todos (as) deficientes visuais dos quais três (03) são Cegos e dois (02) Baixa visão, com idade entre 31 e 50 anos das quais, quatro (04) são do sexo feminino e um (01) do sexo masculino.

Segundo sua escolarização, todos possuem 3º Grau, com três (03) sendo completos e dois (02) ainda em andamento, ambos exercendo o cargo de Servidor Público, dos quais um (01) possui o cargo de chefia: bibliotecária coordenadora da instituição onde são realizadas as ações em estudo.

3.5 COLETA DE DADOS

Numa conversa informal no dia do início do curso, aos 14 de setembro de 2007, foi proposta por parte da autora desse trabalho a intenção de investigar o grupo de deficientes visuais em formação como contadores de história para coleta de dados. O motivo partiu de um insucesso com o primeiro projeto: “O Roda de Leitura e a formação de leitores: um estudo de caso” que seria realizado na Escola João Crisóstomo Rosa com vinculação com o SESC Universitário, devido a datas, e tendo necessidade de concluir o curso nesse semestre, a autora desta pesquisa redirecionou a mesma ao campo de estágio supervisionado na já qual estava inserida e, onde se interessou por essa prática promotora de leitura.

A proposta foi então recebida com bons olhos pela coordenadora da Biblioteca Braille se mostrando interessada, bem como a mediadora do curso e a supervisora pedagógica do projeto. Tudo isso com a autorização da orientadora desta pesquisa.

No dia 21 de setembro foi confirmada a intenção e o início da coleta de alguns dados, tais como o acesso ao projeto impresso por elas desenvolvido e alguns materiais incluindo alguns em suporte eletrônico que utilizavam.

No dia 28 de setembro de 2007 todo o desenvolvimento das atividades do curso foram acompanhados e registrados alguns dados que servirão de informações para complementar a interpretação dos dados da entrevista.

Aos 13 dias de novembro foi realizada a entrevista (Ver modelo em Apêndice – Apêndice – A e entrevistas realizadas em Anexo - C - G) para nova coleta de dados. O local escolhido foi à própria Biblioteca Braille José Álvares de Azevedo sendo realizada no período entre 13h e 17h.

Vale ressaltar que os (as) integrantes do grupo investigado sempre estiveram à disposição para a coleta de dados se mostrando à vontade no dia da observação e da entrevista procurando colaborar com as informações a eles (as) solicitadas.

4 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

4.1 ANÁLISE INTRODUTÓRIA

Partindo da análise do projeto do curso de capacitação e da observação realizada durante sua excussão, percebeu-se que a inserção das metodologias aplicadas ao grupo de deficientes visuais contadores de histórias resultam de técnicas de vivências entre os membros do grupo que trabalham individual e coletivamente em prol de sua formação.

Com todo o caminho percorrido até aqui, acredita-se que no desenvolvimento das atividades desse curso, a leitura é sempre o ponto de partida e o ponto de chegada. O início de cada encontro do grupo tem leituras realizadas e no final, abre-se a possibilidade de cada participante, na busca de aplicações de técnicas específicas de contação de histórias, encontrar segundo orientação da mediadora Zilda (músicas, histórias, um novo texto) para ser apresentado aos demais no próximo encontro.

O decorrer das atividades exige leituras, diálogos, troca de idéias, construção e reconstrução de conceitos, levantamento de questões que permeiam o debate sobre o deficiente visual, criatividade, espontaneidade, desinibição, reflexões e muita alegria (é como se voltassem ao período da infância). Com certeza essa metodologia citada no início desse parágrafo, incluiu e integrou os deficientes visuais ao processo, mas apesar disso, por questões diversas (por estarem no ambiente de trabalho, por falta de outros recursos humanos, pela quantidade de trabalho naquele momento, entre outras) alguns dos participantes do curso, o que representa a minoria, não possuíam uma frequência boa. Mas mesmo assim, não se caracterizou nenhuma evasão.

Por questões éticas, os nomes dos entrevistados não serão mencionados. Todos (as) serão identificados no masculino assim, o gênero se torna nulo e gera imparcialidade. As entrevistas constarão em anexo numeradas e os trechos que compõem a análise seguem a mesma numeração. Para uma melhor identificação, as perguntas estarão em negrito, as falas dos entrevistados constarão em itálico e as observações, comentários e análises da autora dessa pesquisa constarão em letra padrão.

4.2 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

A seguir são apresentadas as questões acompanhadas por gráficos representando as respostas dos entrevistados. As questões serão apresentadas na mesma ordem em que se apresentaram durante a entrevista.

Quando perguntados: **1. Para você, o que é leitura?** Considerando uma pergunta aberta, as respostas foram as seguintes:

Entrevistado 1: *Leitura é a descoberta de novos conceitos, novas culturas e podendo compartilhar com os outros conhecimentos que não tivemos na jornada acadêmica.*

Entrevistado 2: *Ah!... Leitura... Numa frase bem simples: a capacidade de compreender o que o outro quer dizer através da palavra escrita ou oralmente.*

Entrevistado 3: *É... significa parte de crescimento e evolução pessoal.*

Entrevistado 4: *Leitura é... como eu posso dizer... um universo de conhecimento e aprendizagem.*

Entrevistado 5: *Leitura é mais uma das ferramentas onde se pode obter informações.*

Segundo as respostas percebe-se que para a maioria deles o conceito de Leitura está relacionada às concepções de leitura como algo produtivo e positivo, o que nos remete ao dado de que ambos os entrevistados possuem formação com nível superior. Quando falam em conhecimento e aprendizagem, sustentam a idéia escolar de leitura, já citada anteriormente na *História de uma prática*, associada ao saber que mais tarde promoverá o indivíduo socialmente.

Na segunda pergunta, agora fechada, a intenção era saber se eles liam com regularidade: **2. Você lê com regularidade?**

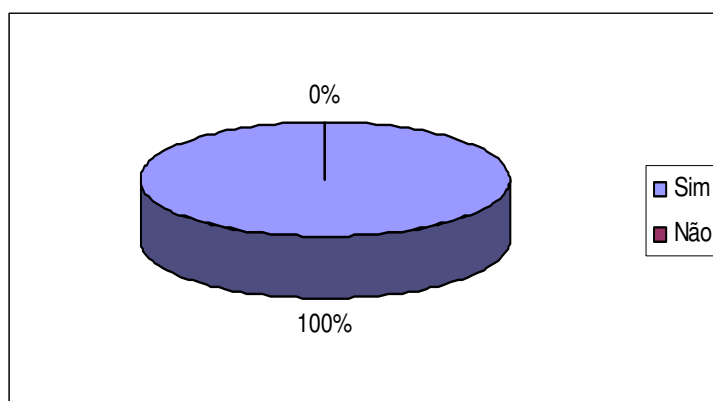


Gráfico 1 – Regularidade de leitura

Todos os entrevistados responderam que sim. Confirmando a importância de se manter as práticas de leitura fortalecidas no ato de ler.

A terceira pergunta, também fechada, surge para complementar o sentido da anterior, pois se eles afirmam que lêem com regularidade, procurou-se saber: **3. Qual a frequência de sua leitura?**

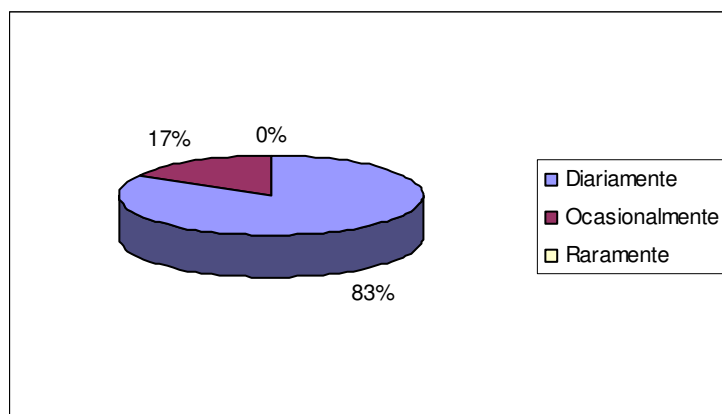


Gráfico 2 – Frequência de leitura

Todos os entrevistados afirmaram ler diariamente, apenas um, respondeu além de ler diariamente respondeu ler ocasionalmente. Segundo o observado essa resposta se deve ao fato de que além de suas leituras diárias, quando necessário, busca outros tipos de leitura diferentes, dependendo da ocasião. Fica evidente que a leitura continuada acontece como comprovam as respostas das questões 2 e 3.

Se eles realmente lêem, lançamos a quarta pergunta, que foi aberta, mas que pelas respostas foi capaz de nos indicar suas preferências: **4. O que você lê?**

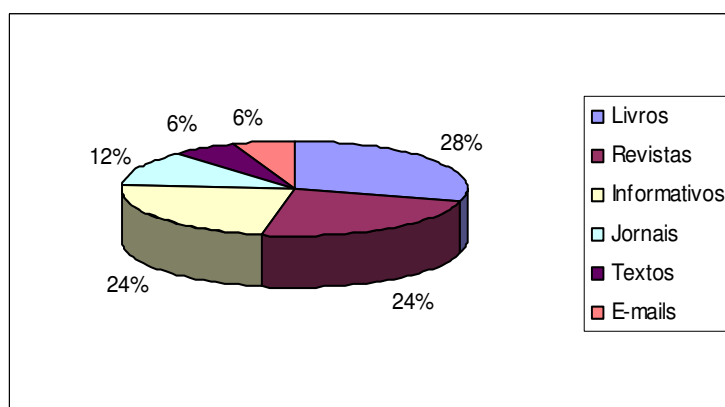


Gráfico 3 – Materiais de leitura

Entrevistado 1: *Jornais, revistas, literatura infantil e alguns romances. Eu gosto mais da literatura informativa: eu não posso ver um folder, eu sou viciada em qualquer folder.*

Entrevistado 2: *Revistas, hum..., literatura e obras informativas, peraí... obras informativas... revista é obras informativas..., e literatura informativa. Acho melhor! Livros da minha área, de Biblioteconomia.*

Entrevistado 3: *Leio livros literários, revistas, eh... informativos. O básico é isso!*

Entrevistado 4: *De tudo: revista, jornal, livros literários, de auto-ajuda, religiosos... Um pouco de tudo!*

Entrevistado 5: *Livros, textos, e-mails, informativos.*

Nas respostas prestadas fica evidente que misturaram o tipo de suporte e gênero mostrando que possuem uma leitura variada quanto aos suportes e diversificada quanto aos gêneros. Lêem para: se informar, conhecer algo que ainda não conhecem, aprender, se atualizar e para ampliar seu universo cultural. A maior parte de suas leituras associam-se ao trabalho por eles desenvolvido na própria biblioteca. Apenas uma resposta, a *literatura infantil*, surge com outra intenção confirmando a quebra de rotinas de leituras obrigatórias.

Para saber se essas leituras que eles realizam produzem algum significado, perguntou-se por meio de uma questão aberta que também deu margem para a tabulação em gráfico:

5. Na semana passada lembra-se de ter lido algo?

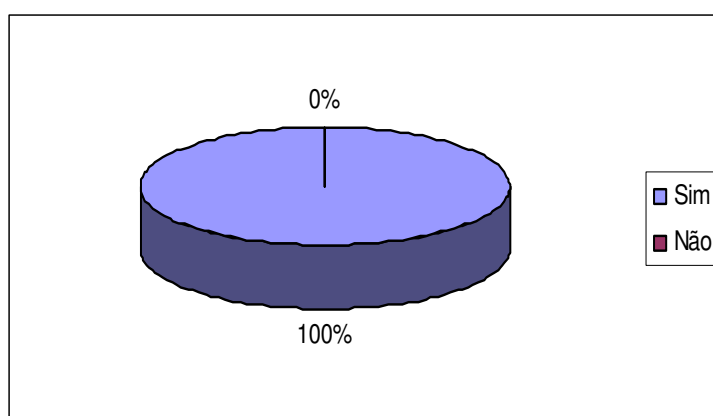


Gráfico 4 – Leituras anteriores

Entrevistado 1: *Eu li tanta coisa que eu tenho que lembrar. Li jornal, li alguns folder. Ah! Também terminei de ler o livro do Chiquinho ... Planejamento e vendas. Esse livro é bom! Vale a pena ler, viu?! E também to lendo o “Pavão na terra do pingüim”, que comecei semana passada.*

Entrevistado 2: *Sim, Revista Veja.*

Entrevistado 3: *Lembro! É ... eu li da Revista Pontinhos... a história do sapo e da cobra.*

Entrevistado 4: *Lembro... Eu estava lendo O livreiro de Cabul.*

Entrevistado 5: *Sim, li um texto para contação de histórias.*

A resposta foi unânime confirmando que as leituras por eles realizadas aprovavam as respostas dadas nas questões anteriores. Cada entrevistado respondeu de acordo com aquilo que ficou pra ele de mais significativo. Surgiu também uma indicação de leitura por parte do entrevistado que além de se confirmar como leitor continuado exerce sua função enquanto agente de leitura indicando e vendendo sua impressão do livro lido para que outras pessoas possam ler também. Percebe-se também que o curso incentiva a leitura continuada na medida em que os participantes tiveram que buscar leituras para apresentarem aos demais e praticarem as técnicas de contação de histórias.

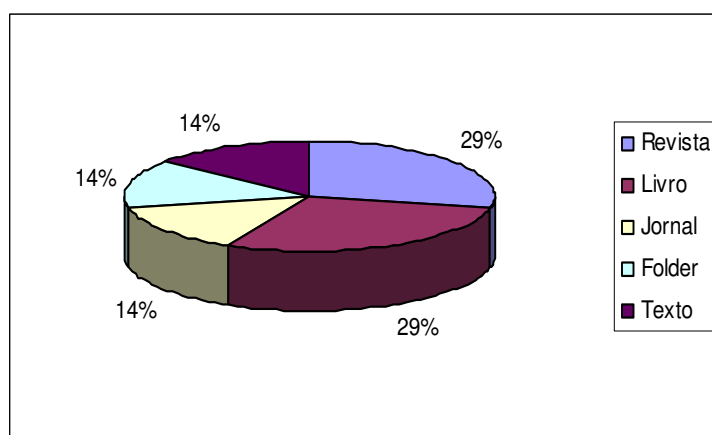


Gráfico 5 – Materiais utilizados nas leituras anteriores

Depois de saber o que liam, procurou-se saber qual era a forma que eles aproximavam dessas leituras. Considerando que todos eram deficientes visuais perguntou-se por meio de uma questão fechada: **6. Você é leitor (a) do Sistema Braille?**

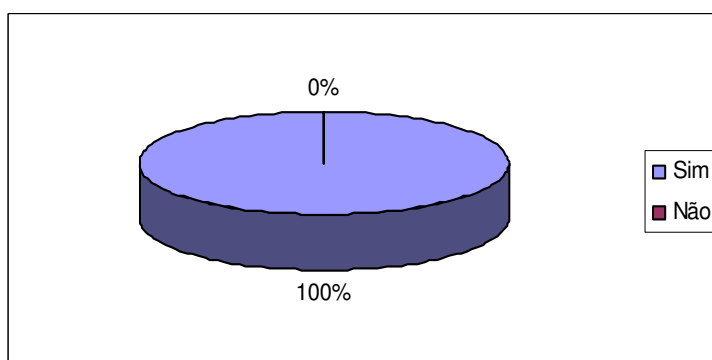


Gráfico 6 – Leitores do Sistema Braille

Mais uma vez todos responderam que sim. Isso revela que ao contrário do que outras pessoas pensam e a sociedade repete, os deficientes visuais se vêm incentivados a aprender esse sistema que garante sua afirmação enquanto indivíduos capazes. Os deficientes visuais com baixa visão também realizam leituras no Sistema Braille. Assim, da mesma maneira que se alfabetiza na língua mãe de um país, eles recebem por meio de outra forma, uma alfabetização específica, pelo Sistema Braille, garantindo sua autonomia de leitura sem precisarem constantemente da presença de um leitor. Ficando evidente assim, como o acesso real dos usuários da Biblioteca Braille José Álvares de Azevedo acontece.

Ao lerem estão incluídos social e culturalmente em um universo de produção e reconstrução autônoma de sentidos.

Com a afirmação da utilização do Sistema Braille questionou-se, com uma questão fechada, se os mesmos utilizavam um recurso adicional para realizarem suas leituras: **7. Você conta com algum Ledor?**

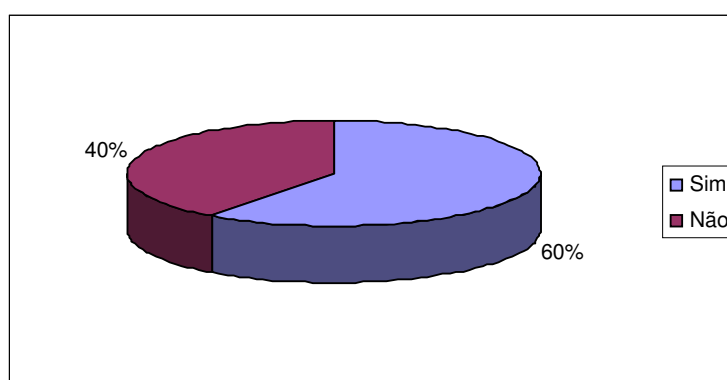


Gráfico 7 – Auxílio de leitores

A resposta foi surpreendente para a entrevistadora e autora dessa pesquisa. Embora pela observação realizada todos os entrevistados se utilizam desse serviço, dois responderam contrário. Mostrando que por meio do Sistema Braille se tornaram confiantes e independentes no processo de leitura.

Ao serem questionados, somente um entrevistado foi além, refletindo sobre o significado da pergunta e relacionou-a as suas práticas diárias. Ele fez questão de enfatizar que existem dois tipos de leitores; o físico (pessoa) e o virtual (softwares especializados). Embora não tenha leitor físico, só consegue desenvolver suas leituras com o auxílio de programas como Dosvoks, Jaws, entre outros, dos quais depende totalmente.

Como todos confirmaram que são leitores, se quis saber, com outra questão aberta:

8. Para você, como leitor (a), qual a importância da Biblioteca Braille formar um grupo de contadores de história?

Entrevistado 1: *Primeiro item: tentar mostrar que podemos contar histórias, sendo literárias ou até mesmo causos com o objetivo de estimular o ato de ler em nossos usuários.*

Entrevistado 2: *É uma forma de despertar o interesse dos contadores de história pela literatura oral, contos de fadas, contos e crônicas que são textos de fácil entendimento que poderão ser utilizados por este público para incentivar os usuários da Biblioteca Braille no gosto pela leitura; para desenvolver o gosto da leitura.*

Entrevistado 3: *Eu acho que é expandir o nosso trabalho a outras pessoas para que as mesmas possam divulgar esse trabalho para outras pessoas deficientes descobrirem a biblioteca.*

Entrevistado 4: *Eu acho que vai ser importante para criar o hábito de leitura em alguns que não adquiriram ainda.*

Entrevistado 5: *Como leitor..., eu acho que a importância é de incentivar a leitura mesmo. O grupo contando a história incentiva o usuário a buscar informações sobre o texto ou livro mencionado pelos contadores de história.*

Pelas respostas prestadas, percebe-se que os entrevistados viram na formação de um grupo de contadores de história uma maneira de difundir o trabalho realizado na Biblioteca Braille em prol do incentivo a leitura como algo prazeroso que leva a muitas descobertas. Para eles, a utilização da oralidade pode fazer desse integrante um leitor continuado na medida em que ele utilize diversos textos de diferentes gêneros e, além disso, atue como agentes de leitura promovendo esse ato.

Com esse curso de formação, a equipe da biblioteca se capacita ao realizar o que pode ser chamado de rito de passagem (abertura a novas possibilidades pessoais ou profissionais), introduzindo pela oralidade um não-leitor na trajetória de leitor por meio de histórias de leituras e vivências no ambiente da biblioteca. Confirmando que mesmo sendo deficientes visuais nada os impedem de serem contadores de história e utilizarem esse recurso a favor de suas práticas leitoras.

Se fosse realmente importante esse grupo para a biblioteca, como leitores continuados e agentes de leitura que afirmaram ser, com outra questão fechada que demonstra traços qualitativos, procurou saber se: **9. Você participa do curso de contador de histórias?**

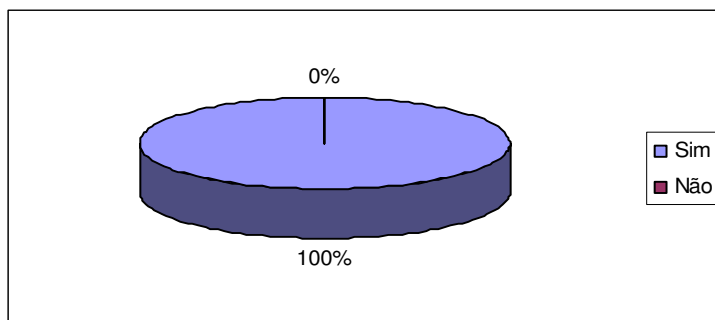


Gráfico 8 – Participantes do grupo de contadores de história deficientes visuais

Mais uma vez demonstraram que para provocarem alguma mudança na realidade, deveriam partir deles a iniciativa. A oportunidade surgiu com as pessoas do Instituto (IKa) por meio de um projeto que buscava execução e procurou a Biblioteca Braille de Goiânia para estabelecer uma parceria, onde ambas as partes seriam beneficiadas. A equipe da Biblioteca Braille aceitou o desafio e eles resolveram abraçá-lo mostrando que em qualquer área, inclusive no tocante ao incentivo a leitura, a biblioteca como unidade promotora dessa prática, juntamente com os recursos humanos, devem buscar capacitação e atualização no que se propõe desenvolver.

Além disso, buscou-se descobrir se o curso provocou alguma mudança pessoal e se essas mudanças seriam reflexos no coletivo. Para isso, foi perguntado por meio de outra questão aberta: **10. Como a contação de histórias pode influenciar sua vida e incentivar a leitura e a formação de leitores?**

Entrevistado 1: *Bom! ... Influenciar a vida no sentido de desinibir a dificuldade de falar em público para compartilhar algumas histórias também tendo a oportunidade de formar um grupo de contadores de histórias.*

Entrevistado 2: *Vixe!!! Já falei no outro. [pausa]. O curso proporciona a desinibição dos contadores de história e a vontade de contar histórias... Ah!... Vontade de contar histórias... [pausa]. Conseqüentemente, a possibilidade de formar novos leitores.*

Entrevistado 3: *No meu caso, pode incentivar a parte da timidez, melhorar a minha timidez ao passo de contar história mesmo. Incentiva a leitura ao passo de estar me atualizando sempre para contar novas histórias e eu me torno uma leitora ativa.*

Entrevistado 4: *Ela vai fazer que eu leia mais e que eu goste mais de ler, e vai melhorar a minha forma de expressar.*

Entrevistado 5: *Ela é... me ajuda na comunicação... tipo... Contando história a gente aprende a comunicar com o outro. E para contar a história eu preciso ler e em contrapartida, o outro, ou seja, o ouvinte sendo envolvido na história terá despertado nele a vontade de ler.*

Segundo os entrevistados, a contação de histórias proporciona um encontro consigo mesmo e com o outro ao passo de adquirirem um maior controle emocional, desenvolverem habilidades antes reprimidas, melhorar o processo de comunicação e expressão e, provocar um amadurecimento pessoal. Com esse amadurecimento o grupo se fortalece reafirmando o propósito de estender a oportunidade a outras pessoas que ainda não encontraram o verdadeiro sentido para se formarem leitores.

Outra coisa importante é sempre estar com um repertório diferenciado e repleto de novidades para cativar qualquer que seja esse “novo” leitor independente da posição que ocupe socialmente (desde a criança ao idoso). Ao ler, o contador de história é capaz de ampliar esse repertório e contagiar (dando vida ao texto) seus ouvintes para posteriores leituras. Com essas leituras ativas, ele é capaz também de aprimorar as técnicas aprendidas se tornando cada vez mais apaixonado pela leitura, pelos livros e por essa nova prática na qual se vê inserido.

Como hipótese sobre o papel do curso para a formação do grupo surge a décima primeira pergunta, também aberta: **11. Na sua formação pessoal na atualidade, o que vem contribuindo a sua participação neste curso de contador de histórias?**

Entrevistado 1: *A oportunidade de descobrir novas histórias infantis e juvenis. Poder aprender as técnicas de contar histórias tentando colocá-las em prática.*

Entrevistado 2: *Contribui para... Para..., [pausa]. Para..., [pausa]. Para segurança emocional e para extroversão.*

Entrevistado 3: *É ... [pausa]. Eu consigo me expressar com mais facilidade e não tenho dificuldades para falar perante os outros.*

Entrevistado 4: *O hábito da leitura.*

Entrevistado 5: *Além hábito de ler, da necessidade de ler, facilita na comunicação com a outra pessoa.*

Ao responderem confirmaram questões da pergunta anterior referentes às mudanças em suas vidas pessoais. Acrescentaram à possibilidade de atuação como contadores de história podendo ampliar os serviços prestados pela biblioteca além espaço físico. Percebe-se que em alguns momentos revelam-se, por suas possíveis atuações a promoção do ato de leitura, mais uma vez enfatizaram a leitura como necessidade e a associam com hábito. Entram em contradição e nos remete a citação anterior de Perrotti, em *Afinal... Quem é o leitor?*, em que ele associa o ato a algo voluntário que acontece espontaneamente, enquanto o hábito é algo que cristalizou nos discursos das pessoas e fica sendo pronunciado sem a reflexão do seu verdadeiro sentido: repetição mecânica por meio da imposição.

Na busca de respostas para a promoção de leitura e a capacitação de agentes para essa promoção seguem duas perguntas para verificação da visão que eles têm de um contador de histórias e ao mesmo tempo da atuação de uma biblioteca. Foi indagado com uma pergunta fechada: **12. Um contador de história pode ser uma biblioteca viva?**

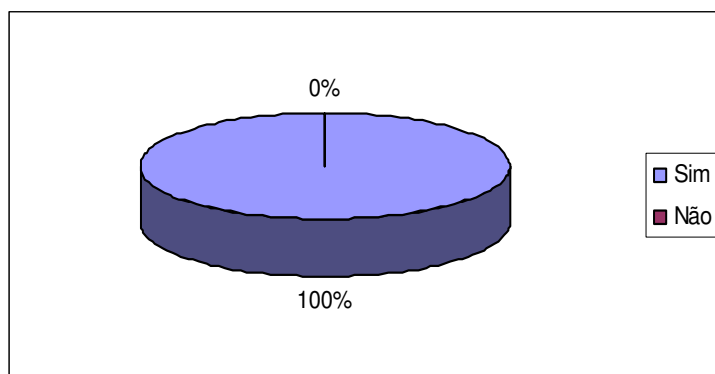


Gráfico 9 – Contadores de histórias – Bibliotecas vivas

Todos os entrevistados responderam que sim. Confirmando a associação que pode ser feita entre os diferentes agentes promotores de leitura sejam eles instituições ou pessoas físicas.

Para ir mais além na investigação, resolveu-se questionar, com uma pergunta aberta, o motivo dessa afirmação com o complemento da questão anterior: **13. Por quê?**

Entrevistado 1: *Por que não é só através dos livros que é possível ler uma história; a oralidade também é outro meio de se fazer leitura dando a essa leitura a expressão oral e corporal.*

Entrevistado 2: *Por que assim como as estantes estão cheias de livros, a memória do contador de histórias está cheia de histórias para contar.*

Entrevistado 3: *Por que através da contação de histórias podem ser indicados livros das histórias já contadas e das que podem ser contadas procurando renovar sempre seu repertório através de livros conhecidos ou não conhecidos pelo próprio contador.*

Entrevistado 4: *Por que contando histórias ele vai divulgar os livros e os autores, e causar interesse por parte de quem está ouvindo.*

Entrevistado 5: *Por que se ele sabe muitas histórias é sinal que leu muita coisa.*

Nas respostas prestadas, são várias as interpretações que surgem associadas às várias possibilidades de leituras proporcionadas tanto pelo contador de história quanto pela biblioteca: o fato do uso da oralidade, as diferentes formas de expressão que proporcionam a leitura, aos arquivos de leitura que podem ser físicos ou mentais, a possibilidade de ampliar leituras, despertar do interesse leitor e a quantidade de leitura realizada. Acima de tudo, a pos-

sibilidade das pessoas serem também referências, pode se considerar que o ser humano é capaz de criar, e foi ele quem criou as bibliotecas e os livros.

4.3 ANÁLISE FINAL DOS DADOS

Por meio dos dados coletados ficam evidentes na pesquisa alguns aspectos que merecem ser analisados: o conceito de leitura associado à escolarização; a formação de agentes de leitura; o uso do Sistema Braille como forma de incentivo a leitura para deficientes visuais; os recursos tecnológicos como facilitadores do processo de leitores continuados e a contação de histórias como promotora do processo leitor.

Constatou-se que os deficientes visuais participantes do curso de contadores de histórias são leitores e que estão preocupados em difundir o potencial da Biblioteca Braille por meio da leitura continuada e da formação de leitores utilizando-se da contação de histórias.

Neste sentido é importante lembrar que ao associar a leitura a concepções que eles trazem de suas práticas escolares, a reduzem minimamente ao aspecto didático, mecanizado, incapaz de formar leitores críticos e muitas vezes estarão fadados ao insucesso nessa tarefa de formação de leitores que não é fácil. Com isso, todo o potencial da biblioteca é visto por muitos, apenas como um estoque de acervos das quais poucos têm acesso por realmente gostarem de ler ou serem privilegiados, no caso, serem alfabetizados em Braille ou dominarem tecnologias.

Para esses agentes leitores, a leitura deve ser encarada com sua diversidade de significações representado a oportunidade de inserção nesse contexto informacional. Essa abertura nos revela “que a leitura para os alunos portadores de deficiência com necessidades especiais favorece aos alunos um maior desenvolvimento crítico e intelectual, bem como estimula o seu imaginário, permitindo que algumas barreiras e conceitos sobre a pessoa portadora de deficiência com necessidades especiais sejam quebrados” (SILVA; FACHIN, apud FACHIN; HILLESHEIM; MATA, 2004, p. 66).

Conforme as autoras, a leitura para pessoas com deficiência favorece ao desenvolvimento crítico, intelectual estimulando o imaginário e quebrando conceitos arraigados. Elas se utilizam da palavra “alunos”, mas trazendo para o contexto da pesquisa, esse conceito também é válido, pois como se pode perceber em algumas respostas prestadas na entrevista, os deficientes visuais se autoafirmam enquanto capazes de desenvolver autonomamente qualquer

atividade, desde que adaptada a sua real necessidade. Assim rompem com a imagem social distorcida que muitas pessoas ainda mantêm em sua relação (imagem negativa: improdutiva, doentes, pedintes, etc.). Ao observar o grupo, as atividades levam-nos a assumirem posições críticas a diversos assuntos e questões levantadas, além de superarem limites pessoais ao empregar técnicas de contação de histórias. Assim, “desse modo, ouvir e contar histórias e posteriormente ler, o que quer que seja, é sempre apelo à imaginação” (DONATO, 2005, p. 13). Se completa um ciclo e justifica enquanto mantêm relações com o outro e com o mundo. Ao ouvir, ler é também dada a possibilidade de criar e re-criar podendo ser ou não contada novamente.

Observa-se que na constância de leitura surge a necessidade de capacitação dos recursos humanos da Biblioteca Braille reforçando a importância desse projeto e alavancando outros que poderão surgir em prol da formação de leitores deficientes visuais em espaço de convivência e prazer.

Os entrevistados (as) demonstraram que os deficientes visuais sempre buscarão alternativas para superar os problemas de exclusão por eles encontrados e que se empenham para melhorar esse quadro.

Para garantirem sua autonomia, se utilizam do Sistema Braille adequando-se a sua realidade. Com essa possibilidade de leitura em Braille, muitos superam limites e preconceitos sociais referentes às suas capacidades intelectuais. Parece que se encontram diante de outro universo, um universo para muitos, os videntes, também invisível e somente perceptível diante dessas observações. Percebe-se que eles desenvolvem outras relações de leituras, tanto individuais quanto coletivas, por meio de histórias que constroem e re-constroem.

Além do Sistema Braille, no caso dos alfabetizados em Braille, conforme lembrado por um dos entrevistados, os recursos tecnológicos são importantíssimos nesse processo de leitura continuada, pois a descoberta do mundo eletrônico favorece ao deficiente visual que vê suas possibilidades ampliadas por esse tipo diferenciado de acesso. É como se a ele fosse entregue uma chave de outro mundo com acesso pelo microcomputador às possibilidades antes somente para os videntes. Na realidade uma minoria privilegiada se utiliza dessa possibilidade.

Essas possibilidades infinitas se dão pelos vários formatos de textos (“doc”, “txt”, entre outros) que podem ser acessados com o auxílio de mídias de áudio e texto facilitadas pelos recursos de sintetizadores de vozes e softwares específicos que fazem a leitura verbal a ser ouvida pelo usuário por meio do computador, como já foi citado anteriormente.

Outro recurso que vem sendo resgatado pela oralidade como estratégia na formação de leitores autônomos é a contação de histórias. Assim vêm-se capazes de resgatar a leitura da cultura escrita através da base oral que faz parte e está presente na experiência humana desde sua criação por vínculos criados e estabelecidos pelas histórias.

Esse resgate do ato de contar histórias proporciona um estreitamento de laços valorizados pela leitura por meio das vivências coletivas desenvolvidas em espaços de convivência contribuindo para a formação de leitores (as).

Nessa perspectiva, a formação de um grupo de contadores de histórias no contexto da Biblioteca Braille José Álvares de Azevedo confirma que para promover práticas de leitura os recursos humanos da biblioteca devem ser profissionais habilitados e competentes nessa área de atuação, que embora seja nova para eles, mas antes de tudo há que se formar leitores, pois como é afirmado anteriormente nessa pesquisa somente um leitor é capaz de formar outro leitor utilizando-se de recursos criados por outros leitores.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para intervir na promoção da leitura a equipe da Biblioteca Braille José Álvares de Azevedo aceitou o desafio proposto por um grupo integrante do Instituto IKA para capacitá-los enquanto Contadores de Histórias tornando-os a força geradora de uma nova mudança que já se iniciou juntamente com outros projetos e não tem data para encerrar. O processo será contínuo e exige muita dedicação e constância.

Nada justifica que os deficientes visuais sejam esquecidos e privados das práticas leitoras. Para isso, além de realizá-las devem relatar suas experiências para que muitos a ela possam ter acesso e produzir significado do que está vivenciando.

A pesquisa *“Era uma vez... O incentivo à leitura e à formação de leitores na Biblioteca Braille José Álvares de Azevedo”* revelou sua importância no momento em que ela abordou esse tema fazendo valer o direito de acesso ao livro e a leitura como fonte de educação, cultura, informação e lazer, resguardos a todos oficialmente pelos aspectos legais diante a igualdade perante a lei na forma de direitos sociais exercidos e mantidos com a participação da família e do Estado.

Com essa pesquisa e a construção dessa narrativa sua autora teve a oportunidade de se incluir em uma realidade diferente das suas vivências anteriores abrindo assim, um leque de possibilidades experimentadas enquanto futura profissional.

Acredita-se na importância de circulação dessas experiências no ambiente da universidade por meio do Curso de Biblioteconomia, para que essa biblioteca, fonte dessa pesquisa, sirva de referência a outros projetos de promoção de leitura para deficientes visuais. No mais almeja-se que decisões políticas eficientes e conscientes pudessem ser efetivadas em prol da valorização e reconhecimento dessas instituições e dos seus profissionais.

É válido ressaltar a importância da colaboração e da disponibilidade de todos os envolvidos durante todo esse trajeto sendo imprescindíveis para que todas as reflexões aqui apresentadas passassem por um processo de amadurecimento.

A leitura deve ser vista como um bem cultural produzido pelas relações tecidas em sociedade, pois é minimamente uma condição básica em que todos igualmente passam a exercer cidadania. Ficam, então, espaços para outras leituras, interpretações, re-construções e para a construção de futuras narrativas acerca de um tema tão abrangente.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira – AGEPEL. Disponível em: <<http://www.agepel.go.gov.br>>. Acesso em: 14 out. 2007.

AZEVEDO, Ricardo. **A didatização da leitura e a precária divisão das pessoas em faixas etárias: dois fatores no processo de (não) formação de leitores.** Disponível em: <<http://www.ricardoazevedo.com.br/Artigo06.htm>>. Acesso em: 14 out. 2007.

_____. **Formação de leitores, cultura popular e contexto brasileiro.** Disponível em: <<http://www.ricardoazevedo.com.br/artigo10.htm>> . Acesso em: 14 out. 2007.

_____. **Formação de leitores e razões para a literatura.** Disponível em: <<http://www.ricardoazevedo.com.br/artnew03Mfim.htm>>. Acesso em: 14 out. 2007.

CORRÊA, Rosa Maria (org.). **Cartilha da inclusão dos direitos da pessoa com deficiência.** Belo Horizonte: PUC Minas, 2005. 96 p. Disponível em: <<http://www.sociedadeinclusiva.pucminas.br/cartilha.php>>. Acesso em: 15 abr. 2007.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti; VIÁ, Sarah Chucid Da. **Pesquisa empírica em ciências humanas (com ênfase em comunicação).** São Paulo: Futura: 2001. 191p.

DONATO, **Recontando histórias: a leitura e a visão de mundo do pré-escolar.** 2005. Tese (Doutorado) – UFScar, 2006. Disponível em: <http://www.btdt.ufscar.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=664>. Acesso em: 14 out. 2007.

FACHIN, Gleisy Regina Bories; HILLESHEIM; Iraci Isaltina de Andrade. MARTA, Maria Margarete Sell. A atuação do bibliotecário na educação especial. **Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, n.18, 2004.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura.** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983. 94 p. Coleção primeiros passos.

NEVES, Cláudia. **Acessibilidade à leitura por deficientes visuais em bibliotecas públicas, por meio do uso de programas computadorizados.** 11 p. Disponível em: <http://www2.camara.gov.br/internet/publicacoes/estnottec/tema11/2005_10460.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2007.

ONG Leia Brasil. Disponível em: <<http://www.leiabrasil.org.br>>. Acesso em: 21 abr. 2007.

OHIRA, Maria Lourdes; MACHADO, Alzemi. Comunidade dos deficientes visuais da Grande Florianópolis e o setor braile da biblioteca pública do Estado de SC p. 75-85 . **Revista ACB**, Brasília, DF, 1.1, 19 08 2005. Disponível em: <<http://www.acb.org.br/revista/ojs/viewarticle.php?id=11>>. Acesso em: 15 nov. 2007.

PAULINO, Graça et al. Pensando a leitura. In: _____. **Tipos de textos, modos de leitura**. Belo Horizonte: Formato editorial, 2001. p. 11-44.

PENNAC, Daniel. **Como uma novela**. 4. ed. Barcelona: Editorial Anagrama, 1995. 169 p.

PERROTTI, Edmir. **Confinamento cultural, infância e leitura**. São Paulo: Summus, 1990. 111p. (Novas buscas em educação, v. 38).

_____. Leitores, leitores e outros afins: apontamentos sobre a formação ao leitor. In: PRADO, Jason; CONDINI, Paulo (Orgs). **Formação do leitor: pontos de vista**. Rio de Janeiro: Argus, 1999. p. 26-35.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. O livro é passaporte, é bilhete de partida. In: PRADO, Jason; CONDINI, Paulo (Orgs). **Formação do leitor: pontos de vista**. Rio de Janeiro: Argus, 1999. p. 19-20.

SERRA, Elizabeth D`Ângelo. O direito à leitura literária. In: PRADO, Jason; CONDINI, Paulo (Orgs). **Formação do leitor: pontos de vista**. Rio de Janeiro: Argus, 1999. p. 39-44.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. A formação do leitor no Brasil: o novo/velho desafio. In: PRADO, Jason; CONDINI, Paulo (Orgs). **Formação do leitor: pontos de vista**. Rio de Janeiro: Argus, 1999. p. 48-52.

SUAIDEN, Emir. A biblioteca pública no contexto da sociedade da informação. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 52-60, maio/ago., 2000. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n2/a07v29n2.pdf> >. Acesso em: 03 nov. 2007.

_____. **Biblioteca Pública e informação à comunidade**. São Paulo: Global, 1995. 192 p. Coleção Ciência da Informação.

VARGAS, Suzana. Pressupostos para uma estratégia de leitura. In: _____. **Leitura: uma aprendizagem de prazer**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993. p. 5-15.

FONTES CONSULTADAS

ABREU, Márcia. **Diferentes formas de ler**. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Marcia/marcia.htm>>. Acesso em: 14 out. 2007.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002. 24 p.

_____. **NBR 6024**: numeração progressiva das seções de um documento: procedimento. Rio de Janeiro, 2002. 3 p.

_____. **NBR 6027**: sumário: procedimento. Rio de Janeiro, 2003. 2 p.

_____. **NBR 6028**: resumo: apresentação. Rio de Janeiro, 2003. 2 p.

_____. **NBR 10520**: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002. 7 p.

_____. **NBR 14724**: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2005. 9 p.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 05 de outubro de 1988. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2002. 72 p.

CORRÊA et all. Bibliotecário escolar: um educador? **Rev. ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 7, n. 1, 2002. p. 107-123.

DAUSTER, Tânia. Espaço de sociabilidade: ouvindo escritores e editores sobre a formação do leitor e políticas públicas de leitura no final do século XX. In: PRADO, Jason; CONDINI, Paulo (Orgs). **Formação do leitor**: pontos de vista. Rio de Janeiro: Argus, 1999. p. 154-166.

ESTABEL, Lizandra Brasil; MORO, Eliana Lourdes da Silva; SANTAROSA, Lucila Maria Costi. Bibliotec II: o bibliotecário como mediador propiciando a inclusão informacional, social, educacional e digital através da EAD. **Inf. & Soc.: Est.**, João Pessoa, v. 16, n. 2, p. 127-141, jul./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/479/468>>. Acesso em: 14 out. 2007.

ESTAÇÃO do conhecimento. **Revista Educação**, n. 9, jul. 2005, p.43.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. Histórias de leitura. In: SILVA, Lillian Lopes Martins da (Org.). **Entre leitores: Alunos, professores**. São paulo: Komedi: Arte Escrita, 2001. p. 79- 110.

FRANCZAK, Lillian Jordânia Batista. **Diagnóstico da Biblioteca Braille José Álvares de Azevedo**. Goiânia, 2007. 11p.

FRANCZAK, Lillian Jordânia Batista. **Proposta de implantação do Programa Circuito de Leitura na Biblioteca Braille José Álvares de Azevedo**. Goiânia, 2007. 27 p.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 24. ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1990. 80 p. (Coleção polêmicas do nosso tempo, v. 4).

GURGUEL, Thais. Inclusão só com aprendizagem. **Revista Nova Escola**, ano XXII, nº 206, out. 2007, p. 38-45.

MARTÍNEZ, Lucila; CALVI, Gian. **Escola, sala de leitura e biblioteca criativas: o espaço da comunidade**. 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: Global, 2004. 159 p.

MILANESI, Luís. Públicos e uso da informação. In: _____. **Biblioteca**. [S.l.]: Ateliê Editorial, [19-?]. p.53-82.

MORIGI, Valdir José; VANZ, Samile Andréa de Souza; GALDINO, Karina. O bibliotecário e suas práticas na construção da cidadania. **Rev. ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 7, n. 1, 2002. p. 134-147.

NISKIER, Arnaldo. “Um país se faz com homens e livros”. In: PRADO, Jason; CONDINI, Paulo (Orgs). **Formação do leitor: pontos de vista**. Rio de Janeiro: Argus, 1999. p. 13-18.

PRADO, Iara Glória Areias. Para formar leitores na escola. In: PRADO, Jason; CONDINI, Paulo (Orgs). **Formação do leitor: pontos de vista**. Rio de Janeiro: Argus, 1999. p. 70-73.

PRADO, Jason. Ingenuidade e inconseqüência. In: PRADO, Jason; CONDINI, Paulo (Orgs). **Formação do leitor: pontos de vista**. Rio de Janeiro: Argus, 1999. p. 74-77.

REDIG, Ana. Política cultural: falta visão. Entrevista com Marta Porto. **Revista Rumos**, abr. 2003. p. 16-19.

ROCCO, Maria Thereza Fraga. Leitor, leitura, escola: uma trama plural. In: PRADO, Jason; CONDINI, Paulo (Orgs). **Formação do leitor: pontos de vista**. Rio de Janeiro: Argus, 1999. p. 97-103.

SANDRONI, Laura C.; MACHADO, Luiz Raul (Orgs). **A criança e o livro**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987. 144 p.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. O bibliotecário e a formação do leitor. In: _____. **De olhos abertos: reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1998. p. 116-123.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Tradução Cláudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre: Art-med, 1998. 194 p.

REFERÊNCIA DESTA MONOGRAFIA

FRANCZAK, Lillian Jordânia Batista. **Era uma vez... O incentivo a leitura e a formação de leitores na Biblioteca Braille José Álvares de Azevedo.** 2007. 61 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.

APÊNDICE

Entrevista para coleta de dados

Boa tarde!

Eu sou Lillian Jordânia Batista Franczak, acadêmica concluinte e estagiária do Curso de Biblioteconomia da UFG e estou investigando “A formação do grupo deficiente visual de contadores de histórias na Biblioteca Braille José Álvares de Azevedo como forma de incentivo a leitura no Sistema Braille e a formação de deficientes visuais como leitores continuados e agentes de leitura”.

Para tanto estou realizando esta entrevista (composta de treze questões, entre abertas e fechadas) que tem duração de aproximadamente 10 min., você poderia ceder um pouco de sua atenção?

Grata!

1. Para você, o que é leitura?

2. Você lê com regularidade?

a. Sim b. Não (se não, pular para a questão 04).

3. Qual a frequência de sua leitura?

a. Diariamente b. Ocasionalmente Raramente

4. O que você lê?

5. Na semana passada lembra-se de ter lido algo?

6. Você é leitor (a) do Sistema Braille?

a. () Sim b. () Não

7. Você conta com algum Ledor?

a. () Sim b. () Não

8. Para você, como leitor (a), qual a importância da Biblioteca Braille formar um grupo de contadores de história?

9. Você participa do curso de contador de histórias?

a. () Sim (Responder a questão 10) b. () Não

10. Como a contação de histórias pode influenciar sua vida e incentivar a leitura e a formação de leitores?

11. Na sua formação pessoal na atualidade, o que vem contribuindo a sua participação neste curso de contador de histórias?

12. Um contador de história pode ser uma biblioteca viva?

a. () Sim (Responder a questão 13) b. () Não

13. Por quê?

Obrigada!

ANEXOS

ANEXO A – Projeto Formação de Contadores de História na Biblioteca Braille José Álvares de Azevedo AGEPEL

Instituto Kavalhadas – IKa

Programa Solidariedade Olhares e Leitura

Projeto formação de Contadores de História na
Biblioteca Braille José Álvares de Azevedo
AGEPEL

Goiânia, setembro de 2007

PROGRAMA SOLIDARIEDADE OLHARES E LEITURA

Este programa foi implantado pelo Instituto Kavalhadas (IKa) com a finalidade de inclusão sócio-educativa e cultural dos deficientes visuais, por meio do ensino a distância, bem como despertar o aprimoramento Tecnológico das indústrias de equipamentos eletrônicos que desenvolvem a acessibilidade nas áreas inclusiva e educativa. A metodologia irá contemplar a didática presencial e a distância.

A partir da Declaração Universal dos Direitos Humanos em 1948, pessoas com deficiências e/ou necessidades especiais tem sido foco de leis para a garantia de seus direitos básicos de cidadania. Devido à imprecisão do conceito de Pessoa Portadora de Deficiência Visual (PPDV), não há uma estimativa consensual do percentual que essas pessoas representam na população de nosso país. De acordo com dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), em torno de 0,05% da população possui deficiência visual grave (baixa visão e cegueira), sendo que esse número poderia chegar a 1% em países subdesenvolvidos (Jornal da Tarde, 6/05/2001). Com base nestas estimativas, o número de deficientes visuais no País se situaria entre 800 mil e 1,6 milhão de pessoas. Mas, segundo o IBGE, com base no censo de 2000, o número de pessoas com deficiência visual (considerados incapazes ou com pequena ou grande dificuldade permanente de enxergar) no país, é de 16.573.937 (quase 10% da população), embora o número dos que têm "grande dificuldade permanente de enxergar" seja 2.398.472 (1,4%) enquanto os "incapazes de enxergar" (cegos) somam 159.824 pessoas (perto de 0,1% da população).

Atualmente, a postura legalista brasileira adotada para a inclusão dos portadores de deficiência, acompanha as iniciativas realizadas em âmbito internacional, como as organizadas pelos Movimentos de Direitos Humanos e pela ONU. No sentido amplo a inclusão envolve as esferas culturais, socioeconômicas, educativas e políticas.

É com este ideal, em prol da acessibilidade na educação cultural, que nasceu o **Programa Solidariedade Olhares e Leitura** com o objetivo de disseminar informações culturais e educativas que facilitem a inclusão deste público, na esfera cultural, em escolas, universidades e no ambiente de trabalho.

Projeto de Contadores de História na Biblioteca Braille José Álvares de Azevedo

Apresentação

O Projeto de formação de Contadores de História na Biblioteca Braille José Álvares de Azevedo, da Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira – AGEPEL, Goiânia/GO, versará a inclusão dos deficientes visuais para formação de um grupo de contadores de história. Objetiva-se propor metodologias aplicáveis às técnicas vivenciais e tecnológicas.

Esta pesquisa de acessibilidade será realizada pelo Instituto Kavalhadas – IKa, fundado em 07 de outubro de 2006 a qual, nos termos do inciso I, do artigo 217 da Constituição Federal de 1988, goza de autonomia administrativa, é uma entidade, sem fins econômicos e sem vinculação de qualquer natureza partidária, política, não sendo permitida qualquer discriminação de raça, cor ou sexo.

A Estrutura didática será proposta por um grupo de pesquisadores, como forma de incentivo a leitura em Braille e a acessibilidade aos recursos tecnológicos, por meio do ensino a distância.

É do fascínio de ler que nasce o fascínio de contar. Quando se conta uma história, começa-se a abrir espaço para o lúdico, a fala, com seu poder de evocar imagens e expressar sentimento, leva o ouvinte ao resgate do seu mundo imaginário, despertando para novas atuações, em especial, na cultura. A importância de contar nos remete ao passado e nos faz lembrar de Sócrates que ensinava a Retórica, a arte de bem falar; em Platão, na sua República, que já se referia à importância de contar contos, ou seja, primeiro os contos, depois a ginástica; em Aristóteles: ouvir uma boa história é também experimentar o efeito catártico. E podemos também pensar nos aedos, bardos, rapsodos, jograis, trovadores, saltimbancos, menestrelis, bufões, que de várias maneiras contavam histórias. E o que dizer de Jesus, que falava em parábolas e deu origem ao livro mais lido no mundo – a Bíblia – que fala através de histórias para aproximadamente 2.000.000.000 (dois bilhões) de adeptos.

A prática de contar histórias se desenvolveu através dos séculos e hoje, como atividade artística, se beneficia de instrumentos tecnológicos que permitem acesso além dos limites geográficos, pela utilização do ensino a distância.

Objetivos

Desenvolver habilidades para a formação de leitores e contadores de história, com a aplicação de didáticas capazes de facilitar o envolvimento com a leitura, tanto para os deficientes visuais, quanto para seus educadores.

A formação de Contadores de História na Biblioteca Braille terá, a princípio, utilização da voz, como recurso primário, e os recursos tecnológicos, como maneira de facilitar o envolvimento com a leitura. O intuito é de beneficiar os deficientes visuais para a promoção educativo-cultural e iniciativas que despertem o aperfeiçoamento didático na relação professor e aluno-cego.

Como resultado o projeto terá a promoção de um curso *on-line*, gratuito e com acessibilidade para formação de contadores de história. Que será a peça piloto para outras iniciativas de inclusão sócio-cultural e utilização de tecnologias apropriadas.

Justificativa

O sistema Braille de sinais favoreceu o universo da leitura para os deficientes visuais, ampliando suas possibilidades de inclusão a leitura. A partir da linguagem tátil surgiram novas perspectivas de se utilizarem instrumentos cada vez mais adaptáveis permitindo novas possibilidades de atuação e locomoção.

Como por exemplo, o piso tátil que orienta, direciona e alerta barreiras arquitetônicas.

Metodologia

Serão utilizadas técnicas narrativas com acompanhamento psicológico, que criem condições de transpor o deficiente visual ao mundo imaginário, possibilitando a inclusão educativa sócio-cultural pela vivência do lúdico. As técnicas visam estimular: a expressividade das emoções pela fala, o conhecimento do folclore, as manifestações culturais brasileiras, a preservação da memória e identidade do patrimônio cultural. A avaliação do trabalho será feita pelas supervisoras, por meio de análise auditiva com devolutivas de correções.

Plano de Ensino

Hora-aula de 45 minutos

Carga horária semanal: 4 horas

Público Alvo: Pessoas com deficiência visual

Quantidade: 10 vagas

Horário: sexta-feira das 14h às 17h

Carga horária semestral: 60 horas

Quarenta horas de atividades e 20 horas de estágio

Início: 14 de setembro de 2007;

Término: 14 de dezembro de 2007.

Conteúdo Programático

- 1- Teoria sobre a contação de histórias.
- 2- Como escolher e preparar uma história.
- 3- Como definir a sessão de histórias
- 4- Conhecendo gêneros literários.

Material a ser utilizado:

- Textos e histórias em Braille;
- 03 Gravadores em Mp3;
- 03 Computadores com *softwares* apropriados para pessoas com deficiência visual e para o ensino a distância.

Programa

Mês de setembro/ 2007:

- Dia 14 – Apresentação da teoria de contação de histórias e introdução da fábula
- Dia 21 – Fábulas e leitura de texto*
- Dia 28 – Encerramento de fábula (Contação em grupo)

Mês de outubro/ 2007:

- Dia 05 – Histórias infantis I (Tradição oral, jogos e brincadeiras).
- Dia 19 – Histórias infantis II (Tradição literária, jogos e brincadeiras).
- Dia 26 – Encerramento de histórias infantis.

Mês de novembro/ 2007:

- Dia 09 – Crônicas I (Drummond, Rubem Alves, Luiz Fernando Veríssimo, etc).
- Dia 16 – Crônicas II (Autores goianos)
- Dia 23 – Encerramento de Crônica
- Dia 30 – Preparação da sessão de histórias do estágio, avaliação do curso.

Mês de Dezembro/ 2007:

- Dia 07 – Estágio (10 horas)
- Dia 14 – Estágio (10 horas)
- Sugestão do local para estágio: CAP

Profissionais envolvidos no projeto

- Diretora da Biblioteca Braille Maria Eunice Soares Barboza;
- Supervisora Cultural do Projeto Msa. Flaviana Paula de Melo;
- Supervisora Pedagógica do Projeto Msa. Viviane Teles Ribeiro;
- Estagiária Cultural e Contadora de História Zilda Dourado Pinheiro;
- Estagiária de psicologia Aline Esashika Leoni;
- Técnico em ensino a distância Wagner Nunes Landim Júnior.

Msa. Viviane Teles Ribeiro
Presidenta do Instituto Kavalhadas – IKa.
CNPJ: nº 08.984.249/0001-90

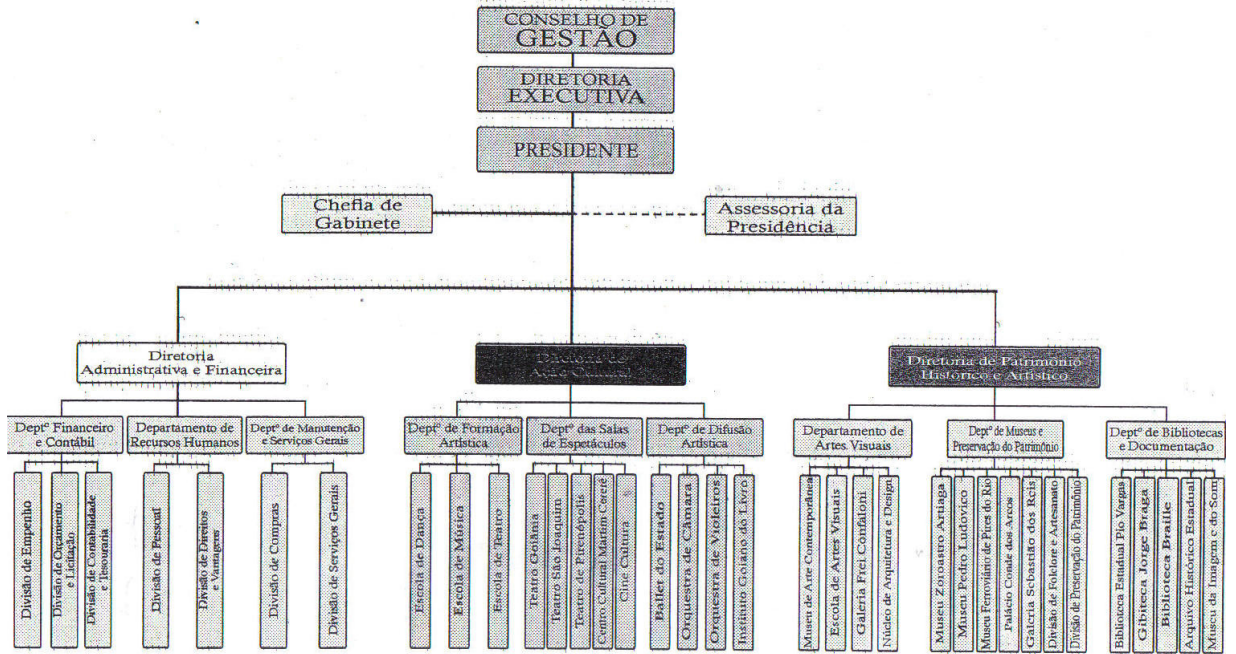
ANEXO B – Organograma



AGÊNCIA GOIANA DE CULTURA PEDRO LUDOVICO TEIXEIRA



ORGANOGRAMA



Entrevista para coleta de dados

Boa tarde!

Eu sou Lillian Jordânia Batista Franczak, acadêmica concluinte e estagiária do Curso de Biblioteconomia da UFG e estou investigando “A formação do grupo deficiente visual de contadores de histórias na Biblioteca Braille José Álvares de Azevedo como forma de incentivo a leitura no Sistema Braille e a formação de deficientes visuais como leitores continuados e agentes de leitura”.

Para tanto estou realizando esta entrevista (composta de treze questões, entre abertas e fechadas) que tem duração de aproximadamente 10 min., você poderia ceder um pouco de sua atenção?

Grata!

Entrevistado 1

1. Para você, o que é leitura? Leitura é a descoberta de novos conceitos, novas culturas e podendo compartilhar com os outros conhecimentos que não tivemos na jornada acadêmica.
2. Você lê com regularidade?
 - a. Sim b. Não (se não, pular para a questão 04).
3. Qual a frequência de sua leitura?
 - a. Diariamente b. Ocasionalmente Raramente
4. O que você lê? Jornais, revistas, literatura infantil e alguns romances. Eu gosto mais da literatura informativa: eu não posso ver um folder, eu sou viciada em qualquer folder.
5. Na semana passada lembra-se de ter lido algo? Eu li tanta coisa que eu tenho que lembrar. Li jornal, li alguns folder. Ah! Também terminei de ler o livro do Chiquinho ... Planejamento e vendas. Esse livro é bom! Vale a pena ler, viu?! E também to lendo o “Pavão na terra do pingüim”, que comecei semana passada.

Entrevista para coleta de dados

Boa tarde!

Eu sou Lillian Jordânia Batista Franczak, acadêmica concluinte e estagiária do Curso de Biblioteconomia da UFG e estou investigando “A formação do grupo deficiente visual de contadores de histórias na Biblioteca Braille José Álvares de Azevedo como forma de incentivo a leitura no Sistema Braille e a formação de deficientes visuais como leitores continuados e agentes de leitura”.

Para tanto estou realizando esta entrevista (composta de treze questões, entre abertas e fechadas) que tem duração de aproximadamente 10 min., você poderia ceder um pouco de sua atenção?

Grata!

Entrevistado 2

1. Para você, o que é leitura? Ah!... Leitura... Numa frase bem simples: a capacidade de compreender o que o outro quer dizer através da palavra escrita ou oralmente.
2. Você lê com regularidade?
 - a. Sim b. Não (se não, pular para a questão 04).
3. Qual a frequência de sua leitura?
 - a. Diariamente b. Ocasionalmente Raramente
4. O que você lê? Revistas, hum..., literatura e obras informativas, peráí... obras informativas... revista é obras informativas..., e literatura informativa. Acho melhor! Livros da minha área de Biblioteconomia.
5. Na semana passada lembra-se de ter lido algo? Sim, Revita Veja.

Entrevista para coleta de dados

Boa tarde!

Eu sou Lillian Jordânia Batista Franczak, acadêmica concluinte e estagiária do Curso de Biblioteconomia da UFG e estou investigando “A formação do grupo deficiente visual de contadores de histórias na Biblioteca Braille José Álvares de Azevedo como forma de incentivo a leitura no Sistema Braille e a formação de deficientes visuais como leitores continuados e agentes de leitura”.

Para tanto estou realizando esta entrevista (composta de treze questões, entre abertas e fechadas) que tem duração de aproximadamente 10 min., você poderia ceder um pouco de sua atenção?

Grata!

Entrevistado 3

1. Para você, o que é leitura? É... significa parte de crescimento e evolução pessoal.
2. Você lê com regularidade?
 - a. Sim b. Não (se não, pular para a questão 04).
3. Qual a frequência de sua leitura?
 - a. Diariamente b. Ocasionalmente Raramente
4. O que você lê? Leio livros literários, revistas, eh... informativos. O básico é isso!
5. Na semana passada lembra-se de ter lido algo? Lembro! É ... eu li da Revista Pontinhos... a história do sapo e da cobra.

Entrevista para coleta de dados

Boa tarde!

Eu sou Lillian Jordânia Batista Franczak, acadêmica concluinte e estagiária do Curso de Biblioteconomia da UFG e estou investigando “A formação do grupo deficiente visual de contadores de histórias na Biblioteca Braille José Álvares de Azevedo como forma de incentivo a leitura no Sistema Braille e a formação de deficientes visuais como leitores continuados e agentes de leitura”.

Para tanto estou realizando esta entrevista (composta de treze questões, entre abertas e fechadas) que tem duração de aproximadamente 10 min., você poderia ceder um pouco de sua atenção?

Grata!

Entrevistado 4

1. Para você, o que é leitura? Leitura é... como eu posso dizer... um universo de conhecimento e aprendizagem.
2. Você lê com regularidade?
 - a. Sim b. Não (se não, pular para a questão 04).
3. Qual a frequência de sua leitura?
 - a. Diariamente b. Ocasionalmente Raramente
4. O que você lê? De tudo: revista, jornal, livros literários, de auto-ajuda, religiosos... Um pouco de tudo!
5. Na semana passada lembra-se de ter lido algo? Lembro... Eu estava lendo *O livreiro de Cabul*

Entrevista para coleta de dados

Boa tarde!

Eu sou Lillian Jordânia Batista Franczak, acadêmica concluinte e estagiária do Curso de Biblioteconomia da UFG e estou investigando “A formação do grupo deficiente visual de contadores de histórias na Biblioteca Braille José Álvares de Azevedo como forma de incentivo a leitura no Sistema Braille e a formação de deficientes visuais como leitores continuados e agentes de leitura”.

Para tanto estou realizando esta entrevista (composta de treze questões, entre abertas e fechadas) que tem duração de aproximadamente 10 min., você poderia ceder um pouco de sua atenção?

Grata!

Entrevistado 5

1. Para você, o que é leitura? Leitura é mais uma das ferramentas onde se pode obter informações.
2. Você lê com regularidade?
 - a. Sim b. Não (se não, pular para a questão 04).
3. Qual a frequência de sua leitura?
 - a. Diariamente b. Ocasionalmente Raramente
4. O que você lê? Livros, textos, e-mails, informativos.
5. Na semana passada lembra-se de ter lido algo? Sim, li um texto para contação de histórias.

6. Você é leitor (a) do Sistema Braille?

a. Sim b. Não

7. Você conta com algum Ledor?

a. Sim b. Não

8. Para você, como leitor (a), qual a importância da Biblioteca Braille formar um grupo de contadores de história? Como leitor..., eu acho que a importância é de incentivar a leitura mesmo. O grupo contando a história incentiva o usuário a buscar informações sobre o texto ou livro mencionado pelos contadores de história.

9. Você participa do curso de contador de histórias?

a. Sim (Responder a questão 10) b. Não

10. Como a contação de histórias pode influenciar sua vida e incentivar a leitura e a formação de leitores? Ela é... me ajuda na comunicação... tipo... Contando história a gente aprende a comunicar com o outro. E para contar a história eu preciso ler e em contrapartida, o outro, ou seja, o ouvinte sendo envolvido na história terá despertado nele a vontade de ler.

11. Na sua formação pessoal na atualidade, o que vem contribuindo a sua participação neste curso de contador de histórias? Além hábito de ler, da necessidade de ler, facilita na comunicação com a outra pessoa.

12. Um contador de história pode ser uma biblioteca viva?

a. Sim (Responder a questão 13) b. Não

13. Por quê? Por que se ele sabe muitas histórias é sinal que leu muita coisa.

Obrigada!